



Albérís Eron Flávio de Oliveira

# POEME-SE:

breves ensaios sobre  
Poesia para todos os dias

 editoraifrn

The background of the entire page is a white surface covered with various sizes and shapes of black ink splatters and blotches, creating a dynamic and artistic texture.

**Albérís Eron Flávio de Oliveira**

# **POEME-SE:**

breves ensaios sobre  
Poesia para todos os dias

 **editoraifrn**

Natal, 2023

Presidente da República  
**Luiz Inácio Lula da Silva**

Ministro da Educação  
**Camilo Santana**

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica  
**Getúlio Ferreira Marques**

---



**INSTITUTO FEDERAL**  
Rio Grande do Norte

Reitor

**José Arnóbio de Araújo Filho**

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação

**Avelino Aldo de Lima Neto**

Coordenador da Editora IFRN

**Rodrigo Luiz Silva Pessoa**

---

### **Conselho Editorial**

Adriano Martinez Basso  
Alexandre da Costa Pereira  
Amilde Martins da Fonseca  
Ana Judite de Oliveira Medeiros  
Ana Lúcia Sarmento Henrique  
Anna Cecília Chaves Gomes  
Avelino Aldo de Lima Neto  
Cinthia Beatrice da Silva Telles  
Cláudia Battestin  
Diogo Pereira Bezerra  
Emanuel Neto Alves de Oliveira  
Francinaide de Lima Silva Nascimento  
Genildo Fonseca Pereira  
José Everaldo Pereira  
Julie Thomas

Leonardo Alcântara Alves  
Luciana Maria de Araújo Rabelo  
Paulo Augusto de Lima Filho  
Marcus Vinícius de Faria Oliveira  
Marcus Vinícius Duarte Sampaio  
Maria Jalila Vieira de Figueirêdo Leite  
Maria Kassimati Milanez  
Maurício Sandro de Lima Mota  
Miler Franco D Anjour  
Paula Nunes Chaves  
Raúl Humberto Velis Chávez  
Renato Samuel Barbosa de Araujo  
Rodrigo Luiz Silva Pessoa  
Samuel de Carvalho Lima  
Sílvia Regina Pereira de Mendonça

---

### **Projeto Gráfico, Diagramação e Capa**

Maria Eduarda Oliveira Amorim

Prefixo editorial: Editora IFRN  
Linha Editorial: Artístico-literária  
Disponível para *download* em:  
**<http://memoria.ifrn.edu.br>**

### **Revisão Linguística**

Magda Renata Marques Diniz

---



### **Contato**

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol, Natal-RN.  
CEP: 59015-300. Telefone: (84) 4005-0763 | E-mail: [editora@ifrn.edu.br](mailto:editora@ifrn.edu.br)

# **POEME-SE:**

breves ensaios sobre  
Poesia para todos os dias



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

O48p Oliveira, Albérís Eron Flávio de.

Poeme-se: breves ensaios sobre poesia para todos os dias [livro eletrônico] / Albérís Eron Flávio de Oliveira – Natal : IFRN, 2023.

189 p. ; PDF.

ISBN: 978-85-8333-293-0

Inclui Referências

1. Ensaios - Poesia. 2. Poemas. 3. Poetas I. Oliveira, Albérís Eron Flávio de. II. Título.

IFRN/SIBi

CDU 82-4:82-1

Divisão de Serviços Técnicos  
Catalogação da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária  
Marise Lemos Ribeiro – CRB-15/418

# AGRADECIMENTO

*A Joanna, esposa, que me ouve todos os dias,  
A Ian Flávio e Ana Isabela, Poesia em movimento,  
literalmente.*

## **Ilustração da capa**

Tela produzida em 2021 por ANA ISABELA BORGES DE OLIVEIRA, 9 ANOS, a partir da técnica 'dripping', popularizada pelo artista Jackson Pollock.

# DEDICATÓRIA

A todos os meus alunos e as minhas alunas,  
poetas em potencial.  
A todos os que encontram na Poesia uma forma de  
enfrentar e viver a dura realidade.  
Aos meus sobrinhos e sobrinha, pela amizade.

*...o poeta sente a palavra “poesia” com todo o seu significado etimológico. Mas, essa “criação” sempre será secundária quanto à do primeiro criador, do livro de Gênesis. Todos os poetas são, nesse sentido, poetas do domingo. O dia que se segue ao sábado, em que o Senhor descansou.*

**Jorge Guillén**

## SUMÁRIO

Prefácio .....	15
Considerações Iniciais .....	21
<b>1</b>	
Gertrude Stein, Eduardo Alves da Costa e a Filosofia .....	26
<b>2</b>	
Wordsworth e Drummond .....	33
<b>3</b>	
Manoel de Barros e Joyce .....	37
<b>4</b>	
Ezra Pound, Olavo Bilac e Tom Jobim .....	42
<b>5</b>	
Platão e Florbela Espanca .....	47
<b>6</b>	
Cecília Meirelles e Pablo Neruda .....	52
<b>7</b>	
Richard Eberhart e Mário Quintana .....	57

**8**

Carl Sandburg e Nietzsche ..... 63

**9**

Barthes, Freud e José Paulo Páes ..... 67

**10**

Hazlitt e Adélia Prado ..... 72

**11**

Matthew Arnold e Álvares de Azevedo ..... 76

**12**

Ralph Waldo Emerson e Antônio Senhor ..... 79

**13**

Rilke e Paulo Leminski ..... 84

**14**

Baudelaire, Francisco Ivan e João Cabral ..... 89

**15**

Robert Frost e Olga Sarvazy ..... 97

**16**

Percy Bysshe Shelley e Manuel Bandeira ..... 102

**17**

Adorno e Mário de Andrade ..... 107

**18**

Décio Pignatari e Arnaldo Antunes ..... 112

**19**

Dante, Jó, John Donne e Murilo Mendes ..... 116

**20**

Edgar Morin e Augusto dos Anjos ..... 120

**21**

Emily Dickinson e Conceição Evaristo ..... 125

**22**

John Ciardi e Cora Coralina ..... 131

**23**

Fernando Pessoa e Belchior ..... 138

**24**

Erich Fromm, Ernst Cassirer e Gilka Machado ... 143

**25**

Cassiano Ricardo e Coleridge ..... 148

**26**

Jorge Luís Borges e Oswald de Andrade ..... 153

**27**

Edgar Allan Poe e Eunice Arruda ..... 157

**28**

Louis Simpson e Ana Elisa Ribeiro ..... 162

**29**

Vinicius de Moraes e Ferreira Gullar ..... 167

**30**

Rimbaud e Cruz e Souza ..... 174

Considerações finais ..... 180

Referências ..... 184

*Este livro foi escrito no ano de 2020, durante a pandemia.*

## PREFÁCIO

Foi Ezra Pound, poeta americano que morou em Londres nos dias que antecederam a Primeira Grande Guerra Mundial que formulou ideias para uma nova escrita e lançou o movimento imagista ao lado de mais alguns amigos e poetas – T. E. Hulme, Richard Aldington, F. S. Flint, entre outros. Algumas compreensões nortearam suas ideias em relação à poesia e são descritas como princípios comuns, todos eles alistados no prefácio da antologia *Some Imagist Poets*, publicada originalmente em Boston e Nova Iorque no ano de 1915 pela *The Riverside Cambridge Press*. Essas ideias tiveram uma forte influência na poesia e na prosa modernas.

Os imagistas, liderados por Pound, defendiam o uso da linguagem comum e o sempre emprego da palavra exata – nunca o uso de uma palavra meramente decorativa ou “qualquer” palavra. Eles compreendiam que a poesia carecia da criação de novos ritmos, de novas expressões e de novos humores. Os imagistas tinham como uma de suas bases a utilização do verso livre como único e possível método para a elaboração da poesia – porque, segundo eles, o verso livre era expressão das liberdades máximas das individualidades.

Com efeito, ao lado da liberdade dos versos, era preciso enfatizar a liberdade absoluta da escolha dos temas – isso também era um fundamento. Diziam eles

que não era de boa arte escrever mal sobre aviões e automóveis, assim como não era ruim ou negativo escrever sobre o passado ou sobre o futuro. Era preciso escrever com exatidão, isto é, era preciso ser mais exatos – nunca “quase” exatos.

Para Ezra Pound e seus amigos, as imagens apresentadas em um poema – diferentemente das imagens apresentadas por pintores, por exemplo – deveriam refletir com ainda mais exatidão os quadros e nunca apenas gerar esboços de alguns efeitos a partir de generalidades. Para eles, os efeitos da poesia deveriam ser claros, nunca turvos, embaçados ou indefinidos.

Tanto Ezra Pound quanto seus amigos acreditavam no poder da concentração quando da construção de uma poesia.

Sabemos que a ideia do que vem a ser a poesia tem várias definições. Entretanto, quando perguntamos: “O que é uma poesia?”, podemos encontrar resposta em outra pergunta: “O que é um poeta?” É que a resposta para uma delas está diretamente envolta na solução da resposta da outra pergunta. Porque a poesia é um processo da personalidade do poeta e, de alguma maneira, pelo que entendi, quis o autor deste trabalho realçar, também, esse traço entre a poesia e o poeta.

O fato é que sabemos que a poesia é um apelo poderoso por um mundo mais belo e mais justo, mais exato. A poesia deve estar acessível para todos e todas, do mesmo modo que o pão o deve – e poetas sabem disso.

O que o leitor destes breves ensaios tem em suas mãos é uma coletânea de reflexões a respeito do que vem a ser poesia – ou um poema –, ainda que tal exercício seja livre de maiores especulações teóricas, ou embasadas nessa ou naquela corrente de pensamento.

Em *Poeme-se: breves ensaios sobre Poesia para todos os dias*, a poesia, que há muito tempo foi posta de lado nas escolas regulares do Brasil e, quiçá, em algumas universidades, ganha uma forma dinâmica e uma exposição majestosa de versos e de sutilezas de significados que fazem dela uma construção de mundo que eu diria quase metafísico – sim, quase –, pois, diante de cada linha tudo parece ser tão simples, tão real quanto palpável.

Ao ler estes escritos, dei-me conta que literalmente viajei no tempo, como se visitasse eras e lugares, como se conhece pessoas e mestres da linguagem, poetas, por assim dizer, compartilhando seus mais simples e límpidos ornamentos, como se me oferecessem uma simples xícara de café e uma prosa com duração de não mais do que dez minutos em cada estação, em cada parada minha. A leveza com que os textos foram escritos nas palavras do autor é extremamente convidativa e parece ser um chamado, uma sinalização de onde e como proceder dentro do mundo da poesia.

Sim, nós podemos viver uma vida plena sem saber um fragmento de poesia, do mesmo modo como muitos vivem suas vidas sem nunca ter visto um quadro de

Picasso ou de Van Gogh. Em todo caso, a vida diante da poesia parece aumentar, amplificar, se expandir, apresentando-nos horizontes diante dos quais ainda não havíamos perscrutado.

Isso porque a poesia lida com nossos mais intrínsecos sentidos e pensamentos e, como linguagem, ela nos põe em contato com o mundo em todas as suas formas e de uma maneira única, bela e muito especial.

Porque a poesia é a abertura e o fechamento de uma porta, deixando quem olha por ela descobrir o que se vê através de suas frechas, naquele momento em que vê. E somente aquele que decide olhar o que há nas linhas e nas entrelinhas de um poema vai saber o que é uma poesia.

Em tempo de isolamento social e confinamento como potenciais partes da rotina de todos nós, este livro de Albérís Eron Flávio de Oliveira é uma linda proposta de iniciação para aqueles que ainda não experimentaram o gosto genuíno da poesia.

**Joanna Angélica Borges da Silva**  
Especialista em Estudos da Linguagem





## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Vivemos na era da graça, mas, ao mesmo tempo, estamos na era da futilidade. Vivemos na era da velocidade, de modo que a maneira como vivemos agora não pode ser considerada como poética.

Vivemos, respiramos e bebemos prosa em, praticamente, todos os sentidos.

Claro, existe uma prosa de boa qualidade, que não causa danos, e que pode, em pequenas doses, provar-se medicinal. O problema é viver continuamente sob o domínio de sua natureza. É que os seus efeitos podem, de fato, ser deletérios à humanidade, isso pelo fato de que aquele que somente se deixa levar pela prosa pode tornar-se surdo para o que mais a linguagem pode fazer.

Quem me disse isso foi William Logan, um ser humano que tenho conhecido há pelo menos 20 anos, remotamente – palavra que está em moda nos dias de hoje. Eu concordo, completamente, com ele.

Quando quis oferecer ao leitor destas linhas estes ensaios enfatizando aspectos da Poesia – entre tantos motivos –, na verdade, eu estava querendo compartilhar um desejo que nutri por muito tempo, desde quando li e compreendi a razão de ser de um poema, no ano 2000.

Na verdade, a minha intenção é que todos tenham acesso ao que eu já tive. Eu espero que todos leiam Poesia – e isso deveria, de fato, ser um direito para todos,

não somente para os que estão assentados em bancos escolares – e a justificativa para isso está disposta nos próprios textos que se seguirão.

Se olharmos bem, muitos dos autores desta coletânea estão comumente presentes nas escolas brasileiras e, muito especialmente, nas Academias. Alguns, inclusive, também figuram em universidades e escolas de outros países. Retirá-los desses contextos também foi parte de meu plano.

Sobre o modo como estes textos estão dispostos neste caderno, é importante dizer que não há, de modo algum, uma tentativa de engendrar qualquer teoria sobre a Poesia. O modo como as personalidades que ganham destaque surgem, neste trabalho, é totalmente aleatório. Não há aqui qualquer ideia de uma ordem por afinidades, *a priori*; tudo foi feito de maneira que, na medida em que um dado sobre Poesia aparecia em um autor, o caminho seguinte era tentar ilustrar a partir de um poema de um outro autor. Por outro lado, na medida em que a composição destes textos ia se construindo, percebemos a presença de uma unidade de sentido a partir das bases usadas para as argumentações. Sim, todos parecem falar uma mesma língua, e todos eles parecem se completar.

Sabemos que as concepções sobre a Poesia mudaram ao longo do tempo. De Platão ao renascimento, dos românticos aos modernistas passando pelos simbolistas. Mas, não é nosso interesse fazer qualquer tipo de

comparação sobre tais aspectos e relevâncias teóricas – isso ficará para uma outra oportunidade.

A ideia aqui é alcançar, simplesmente, o deleite que a própria Poesia pode dar e experimentar o que pensam alguns poetas a respeito dela.

Este material foi preparado para ser lido por toda e qualquer pessoa e, portanto, foi dividido em 30 partes que podem ser lidas em 30 dias – como um diário. É preciso dizer que o primeiro texto foi o que me impulsionou a escrever os demais. Um dado importante a respeito deste material, também, é que o leitor poderá ler os ensaios em qualquer ordem, sem se preocupar com a linearidade da disposição dos textos.

De fato, a ideia é que o leitor respeite o seu ritmo de leitura e, literalmente, saboreie cada ensaio como se fosse uma deliciosa fruta, sem se preocupar com obrigatoriedades.

De verdade, gostaria que essa fosse a abertura de um caminho para um portal que levasse leitores a grandes e novas descobertas, a descobertas que estão fora de nós, mas que, muitas vezes, também estão dentro de nós.

Sendo assim, deixo um abraço apertado em vocês, na certeza de que nos encontraremos também, em cada desvelamento das linhas e das entrelinhas das próximas páginas.

Até.

Albérís Eron Flávio de Oliveira





# DIA 1

---

Caros colegas,  
Bom dia.

A primavera chegou. Com ela chegaram as flores, as cores e as rosas. Sim, parece que os dias ficam mais bonitos na primavera. A primavera é o primeiro verão, literalmente.

Então, nestes dias, lembrei-me de minhas irmãs. Sim, eu tenho três irmãs: Alci, Deni e Alri. Todas elas são bem presentes na minha vida, mas a do meio, Deni – que também é conhecida como Fábria – parece ter um interesse especial pelas rosas. Ela adora primaveras. Ela se dá muito bem com elas.

E eu me lembrei muito dela quando li um verso de Gertrude Stein.

(...)

Gertrude foi escritora e poetisa. Ela viveu até a metade do século XX. Seus pais eram de classe média alta. Eram donos de propriedades imobiliárias nos Estados Unidos.

Gertrude Stein nasceu em Pittsburgh, nos Estados Unidos.

Em sua casa, a língua alemã era falada tanto quanto inglês. Ela também morou em Viena e Paris.

Gertrude Stein fez parte da famosa geração de 1920, época em que muitos jovens artistas e escritores, vindos das mais diversas partes do mundo, encontravam-se em Paris para discutir novos caminhos para a arte.

Picasso, James Joyce, Matisse, Hemingway e Ezra Pound eram alguns desses jovens, entre muitos outros estavam lá. Gertrude tinha grande afeição por todos eles. Adorava Flaubert.

Gertrude é considerada a inventora da escrita automática. Em seus textos, há repetições intencionais, mas nunca gratuitas.

Fiquei impressionado um dia quando, sentado, lendo um dos meus cadernos de registros de literatura, encontrei o seguinte verso dela:

*Uma rosa é uma rosa é uma rosa é uma rosa.*<sup>1</sup>

---

1 Literalmente, “a rose is a rose is a rose is a rose.”. Essa frase foi escrita por Gertrude Stein como parte do poema de 1913 “Sacred Emily”, que apareceu no livro, de 1922, “Geography and Plays”. O livro está disponível em: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/33403/pg-33403-images.html>. Acesso em: 31 maio 2023. Nesta obra, todas as traduções do inglês foram feitas pelo próprio autor.

Só entendi dias depois.

Impressionante. Lindo.

(...)

Temos vivido dias excepcionais, quer dizer, bem diferentes, em muitos sentidos. Ando pensando coisas e procurando entender o movimento do mundo e das pessoas.

Fiquei pensando na nossa realidade. E entre tantas coisas sobre o que escrever, novamente me vieram à mente as rosas<sup>2</sup>.

(...)

Assim, encontrei um trecho de um poema bem conhecido, que parece que foi feito para esse momento. E porque também estamos na primavera e porque devemos defender as flores.

Então, vamos lá.

---

2 Imagine exatamente o contexto do ano de 2020 no qual estivermos inseridos; imagine novos tempos com novos e grandiosos desafios. Eu imaginei o potencial que a Poesia tem para ajudar pessoas a sobreviver à dura realidade que enfrentamos em 2020 – e outras que ainda poderão advir. Os próximos ensaios, pois, são uma prova disso – de como a Poesia pode nos ajudar.

*Na primeira noite eles se aproximam  
e roubam uma flor  
do nosso jardim.  
E não dizemos nada.  
Na segunda noite, já não se escondem:  
pisam as flores,  
matam nosso cão,  
e não dizemos nada.*

*Até que um dia,  
o mais frágil deles  
entra sozinho e nossa casa,  
rouba-nos a luz e,  
conhecendo nosso medo,  
arranca-nos a voz da garganta.  
E já não podemos dizer nada.<sup>3</sup>*

Esse poema foi escrito por Eduardo Alves da Costa, nascido no Rio de Janeiro. Eduardo organizou em São Paulo as famosas “Noites de Poesia”, um espaço para divulgação das obras de jovens poetas na década de 60. Maiakovski, que aparece no título do poema de Eduardo, foi um poeta

---

<sup>3</sup> Esse é um trecho do poema “No Caminho, com Maiakovski” que foi escrito na década de 60 do século passado, por Eduardo Alves Costa. Desde então, ele se transformou num hino da luta contra ataques às liberdades dos cidadãos brasileiros. O poema todo pode ser lido em COSTA, E. A. **No caminho, com Maiakovski**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

e dramaturgo russo que viveu entre o final do século XIX e metade do século XX.

Maiakovski, além de ter estudado na escola de Belas Artes, fundou a revista *Liévi Front*, que reunia escritores que pensavam em uma renovação social<sup>4</sup>.

(...)

Achei simplesmente sensacional. E que força que pode ter uma flor. Felizes os que as têm em um lugar especial em sua casa – e em seus corações. Os poetas as têm.

Viva os poetas!

Por mais poetas e menos filósofos – com todo respeito aos filósofos, porque são essenciais e sabem argumentar com perfeição.

Mas, é que um poeta consegue dizer tudo como se coubesse em um grão de areia.

Esse poema é um grão de areia. Posso apostar que ele traduz com uma precisão imensa e incomensurável o que tentamos dizer em muitos textos ou em um milhão de palavras.

---

4 Em todo caso, Eduardo Alves da Costa apenas quis fazer uma espécie de homenagem a Maiakovski – colocando seu nome no título do poema.

Confesso que ia escrever mais, mas decidi parar aqui, em respeito aos poetas.

Eles já disseram tudo!!! (Nós é que, muitas vezes, não sabemos ler.)

Porque um poema é para ser sentido, e não explicado.

(...)

Ah, e sobre o verso de Gertrude Stein, fiquei pensando na duração da vida de uma rosa. Parece que as rosas têm vidas curtas. São bem sensíveis ao sol.

Daí, a preocupação de Gertrude Stein em repeti-la tantas vezes, propositadamente, em seu verso. Um convite para darmos mais atenção a elas.

Outro viva aos poetas!

Viva!

(...)

Desse momento em diante, irei escrever todos os dias sobre Poesia – e poetas. Farei uma espécie de homenagem a alguns que tenho conhecido em minha vida.

A homenagem se estende para todos os poetas, na verdade – porque não cabem todos aqui.

Hora de agradecer.

Um abraço,  
Eron

## DIA 2

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Volta e meia, eu recorro à a Poesia para saltar sobre a dureza da realidade, entre outras coisas.

Erro. Deveria fazer isso com mais frequência.

A Poesia é um salto que a linguagem dá sobre ela mesma quando os sistemas são áridos demais para dizer alguma coisa.

Quando Wordsworth escreveu suas baladas, o que o orientou foi o desejo que tinha de alcançar o povo. Ele queria que todos o ouvissem e o entendessem.

Não é o meu caso. Infelizmente.

Não pretendo alcançar ninguém. A Poesia já me alcançou e isso é suficiente.

Em todo caso, a Poesia é algo tão pleno e cheio, que ela simplesmente transborda e o desejo que logo temos é de compartilhar. Wordsworth me cativou.

(...)

William Wordsworth nasceu na Inglaterra e foi um dos fundadores do Romantismo inglês. Sempre lembrado como um poeta preocupado na relação humana com a natureza, ele introduziu o uso do vocabulário de pessoas comuns na Poesia.

Wordsworth começou a escrever Poesia quando era menino, ensinado por seu pai. Amante da natureza, Wordsworth fez um passeio pela Europa durante as férias de verão – em grande parte um passeio a pé –, o que o aproximou ainda mais do homem comum.

Escreveu “Baladas Líricas”.

Wordsworth era muito amigo de Samuel Taylor Coleridge. Como Wordsworth, Coleridge também é uma grande referência no mundo da Poesia. Coleridge estudou em Cambridge e se formou em Artes.

(...)

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Minas Gerais, em 1902, e foi um dos grandes poetas brasileiros. Também foi contista e cronista. Para muitos, Drummond é considerado o poeta brasileiro mais influente do século XX.

Sua primeira obra poética foi “Alguma Poesia”, publicada em 1930. Estudou no Colégio jesuíta José de Anchieta em Minas. Foi funcionário público e se formou em farmácia.

Em muitas de suas obras é possível encontrar marcas de sua terra natal: Itabira.

Entre tantos poemas que ele escreveu, destaco um que nos mostra beleza em gestos bem simples – porque é assim que, às vezes, nasce, também, a Poesia. Simples como dizia em seus poemas Wordsworth.

O poema que escolhi é o que segue abaixo.

Adianto, porém, para além de explicações, que um poema é um todo completo e suficiente. Os seus desdobramentos devem alimentar a alma de quem o lê. Se não fosse assim, não seria um poema.

Leiamos.

*Uma flor nasceu na rua!*

*Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.*

*Uma flor ainda desbotada*

*Ilude a polícia, rompe o asfalto.*

*Façam completo silêncio, paralitem os negócios,*

*Garanto que uma flor nasceu.*

*Sua cor não se percebe.*

(...)

*É feia.*

*Mas é realmente uma flor...*<sup>5</sup>

Drummond também escreveu “No meio do Caminho”, publicado pela Revista de Antropofagia, de São Paulo, em 1928. Houve muita polêmica quando esse poema foi publicado. (...) O próprio poema parecia uma pedra no meio do caminho de muitas pessoas...

Sim. Um poema por si só é um ato revolucionário.

Falando em ato revolucionário, de fato, Wordsworth também sonhava com uma comunidade completamente livre.

Sensacional!

(...)

Revolucione-se!

Um abraço,  
Eron

---

<sup>5</sup> Retirado de “A Rosa do Povo”, o poema de Drummond está disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/rosa-do-povo-a-analise-do-livro-de-drummond.htm>. Acesso em: 15 maio 2023.

## DIA 3

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Ontem, destaquei, nestes escritos bobos, a figura de Wordsworth.

Sempre fantástica, necessária, viva.

Como vimos, ele gostava da vida humilde e rústica, porque, nessa condição, segundo ele, as paixões essenciais do coração encontravam melhor solo para atingir a maturidade.

Pois bem.

James Joyce foi um dos principais autores do século XX. Escreveu *Ulisses*, sua obra mais conhecida. Joyce inovou no modo de usar a linguagem em seus textos.

Também fez grande inovação em relação à técnica empregada em seus escritos e no estilo que utilizava. Joyce falava muitas línguas. Aprendeu norueguês para ler a obra de Henrik Ibsen e continuar o seu legado – ele dizia.

Joyce também escreveu poemas. Um livro em 1907 e outro em 1927. Respectivamente, “Música de Câmara” – “Chamber Music” – e “Poemas a preço de um centavo cada”, literalmente, “Pomes Pennyeach”.

Ainda criança, Joyce escreveu um poema que figura entre, talvez, um de seus mais importantes: “Et tu, Healy?”. Um poema em que ele questiona um padre da igreja a respeito das razões que levaram a não defender um homem que lutou pela liberdade da Irlanda.

Joyce foi um menino prodígio. Um verdadeiro fenômeno!

Sobre Poesia, Joyce dizia que era sempre um movimento de revolta contra algum artifício da realidade – contra qualquer artifício que nos queira, dela, separar. A Poesia qualifica a nossa relação com a realidade – e com a vida –, dizia Joyce.

Pois bem. Por mais Poesia em nossos dias, então.

(...)

Agora pensei em Manoel de Barros.

Gosto de Manoel de Barros, nosso irmão. Mas Joyce é nosso irmão assim como Wordsworth também o é – ambos de países diferentes. Manoel fala como Wordsworth e Joyce. Eles falam a mesma língua...

Eles falam Poesia.

Manoel dizia gostar das palavras porque, com elas, ele compunha os seus silêncios. Ele se achava um homem incompleto. Mas, incrivelmente, revelou que gostava das palavras porque elas o enchiam.

Outro dia, li um poema que falava de palavras e de vento.

Adorei.

É assim o poema<sup>6</sup>.

*Tenho um livro sobre águas e meninos.  
Gostei mais de um menino  
Que carregava água na peneira.*

*A mãe disse que carregar água na peneira  
era o mesmo que roubar o vento e  
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.  
A mãe disse que era o mesmo  
que catar espinhos na água  
O mesmo que criar peixes no bolso*

---

<sup>6</sup> O título do poema é “O menino que gostava de carregar água na peneira”. Disponível em: <https://www.revistapazes.com/manoel-poemas>. Acesso em: 15 maio 2023.

O menino era ligado em despropósitos  
Quis montar os alicerces  
De uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino  
Gostava mais do vazio do que do cheio  
Falava que vazios são maiores e até infinitos

Naquele tempo aquele menino  
Que era cismado e esquisito,  
Porque gostava de carregar água na peneira.

Com o tempo descobriu que  
Escrever seria o mesmo  
Que carregar água na peneira

No escrever o menino viu  
Que era capaz de ser noviça,  
Monge ou mendigo ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras  
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras  
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.  
O menino fez prodígios.  
Até fez uma pedra dar flor.

A mãe reparava o menino com ternura.  
A mãe falou: meu filho, você vai ser poeta!  
Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios  
Com suas peraltagens  
E algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!

Que coisa! Quantos saltos!  
Uma obra de arte!

Pena que a Poesia tenha apenas um lugar remoto no interior de nossa vultura.  
Ops, quis dizer cultura<sup>7</sup>.

Esse meu inglês...

Um abraço,  
Eron

---

<sup>7</sup> Em inglês, a tradução de “abutre” é “vulture”.

## DIA 4

---

Bom dia,  
Colegas.

Li em algum lugar – não me lembro exatamente onde – que o amor faz parte da Poesia da vida e que a Poesia faz parte do amor da vida. Desse jeitinho, eu li.

Pelo visto – e lido –, parece que esses dois termos se identificam um com o outro. Estaríamos falando de um novo termo? Poesia-amor? Amor-poesia?

Que o amor é a fonte de todas as coisas boas, isso eu já sabia. Mas, que a Poesia também dependia do amor para ser, nunca soube. E nem sei, mas,

“...e se eu não tiver amor...”, pergunto.

(...)

Ezra Pound foi poeta e músico americano. Também foi professor por um curto período. Seu primeiro livro de poemas foi publicado em Veneza, na Itália. Morou em Londres, onde conheceu James Joyce e William Butler Yeats.

Pound conhecia a literatura europeia e foi um imagista – adorava imagens. Minha “colega” já o destacou no prefácio destas páginas.

Sim, para ele a metáfora era a essência da Poesia.

Ezra Pound teve uma vida política conturbada – não dá para entrar nesse mérito aqui. Ele foi chamado por T. S. Eliot de “O Artífice das Letras”.

Também, para Ezra Pound, o poema deveria sempre se aproximar da música ou da própria língua falada. Porque, para ele, o poema devia soar natural ao ouvido quando lido em voz alta.

Compartilho, a seguir, um poema de Pound<sup>8</sup>:

*Vai, livro natimudo,  
E diz a ela  
Que um dia me cantou essa canção (...)  
Houvesse em nós  
Mais canção, menos temas,  
Então se acabariam minhas penas,  
Meus efeitos sanados em poemas  
Para fazê-la eterna em minha voz*

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.culturapara.art.br/opoema/ezra-pound/ezrapound.htm>. Acesso em: 15 maio 2023.

*Diz a ela que espelha  
Tais tesouros no ar,  
Sem querer nada mais além de dar  
Vida ao momento*

Para Ezra Pound, definitivamente, a Poesia dava vida ao momento. Acho que ele estava falando de amor nesse poema. Mas acho que era amor pela Poesia. Uma Poesia que ele escreveu em um livro...

(...)

Olavo Bilac escreveu sua Poesia tendo o ourives como referência e o amor como combustível. Foi isso que entendi.

Segundo ele, o ofício de escrever não é fácil, mas sempre vale o esforço no final. Assim, como uma pedra preciosa, para ele também, era um poema.

Aqui, compartilho uma parte importante da “Profissão de Fé”<sup>9</sup>, de Olavo.

*Invejo o ourives quando escrevo:  
Imito o amor  
Com que ele em ouro, o alto relevo*

---

9 Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000179.pdf>. Acesso em: 31 maio 2023.

*Faz dele uma flor.  
(...)  
Quero que a estrofe cristalina,  
Dobrada ao jeito  
Do ourives saia da oficina  
Se um defeito.*

Olavo diz mais em sua “Profissão de Fé”, mas fiz apenas esse pequeno recorte. Assim, como um ourives, para ele, portanto, também é o poeta.

Olavo Bilac nasceu em 1865 e, também, foi cronista e contista. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Estudou Medicina e Direito, mas não concluiu nenhum dos dois cursos. Preferiu o caminho das letras.

Olavo Bilac foi o autor do hino à bandeira. Ele dizia que o poeta devia trabalhar pacientemente, como um mestre beneditino, talvez. Chamado de “Príncipe dos poetas”, Olavo teve como grande parceira durante toda a vida a língua portuguesa.

E que parceria!!!

Olavo é, pois, sinônimo de transpiração.

Poesia também o é.

Ah, preciso dizer que achei o poema de Ezra parecido com aquele trecho de Tom Jobim: *Vai minha tristeza, e diz a ela, que sem ela não poder ser. Diz-lhe numa prece, que ela regresse que eu não posso mais sofrer...*

Tom Jobim era poeta como Ezra e como Olavo Bilac. Eles falavam a mesma língua. E amavam...

Poeme-se!

Um abraço,  
Eron

## DIA 5

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Hoje, acordei com vontade de abraçar o mundo e agradecer pela vida. Mas, com certa decepção, vi que o mundo é grande demais para ser abraçado.

(...)

Foi Platão que, em um belo dia, em um livro chamado de *A República*, ofereceu uma ideia de mundo. Nele, ele também expôs uma alegoria para dar cabo ao que ele entendia.

Platão sugeriu que havia um mundo para além desse mundo concreto em que vivemos. Um mundo que só se pode tocar nele com o pensamento. O mundo das ideias.

Platão chamou sua alegoria de “O Mito da Caverna”. Foi uma sacada e tanto.

Sei que essa é uma das primeiras lições que os estudantes de filosofia têm em sala de aula. Sei que isso tem a ver, principalmente, com conhecimento... Alguém me disse.

Pois bem. Fui atrás de poetas que me pudessem dizer algo parecido.

(...)

Florabela Espanca escreveu um poema intitulado “Versos de Orgulho”. Nele, ela também fala sobre um reino que fica para “Além” deste mundo. Eu acho que ela quis se referir ao mesmo reino de Drummond – o reino das palavras.

Eis o poema.

O mundo quer-me mal porque ninguém  
Tem asas como eu tenho! Porque Deus  
Me fez nascer Princesa entre plebeus  
Numa torre de orgulho e de desdém!

Porque o meu Reino fica para Além!  
Porque trago no olhar os vastos céus,  
E os oiros e os clarões são todos meus!  
Porque Eu sou Eu e porque Eu sou Alguém!

O mundo! O que é o mundo, ó meu amor?!  
O jardim dos meus versos, todo em flor,  
A seara dos teus beijos, pão bendito,

Meus êxtases, meus sonhos, meus cansaços...  
São os teus braços dentro dos meus braços:

Via Láctea fechando o Infinito!...

Para além dos vários sentidos do mundo, para o poeta, o mundo também é um jardim. E nele, o poeta cultiva suas palavras, como quem cultiva flores. Flores belas.

O poeta faz, com suas letras, o mundo que ele quer fazer.

Nesse poema, também achei a confirmação de que os poetas têm asas e voam alto.

Fato.

Florbela Espanca nasceu em Portugal, no ano de 1894. Tinha alma e Poesia no nome.

Escreveu Poesias e contos e é considerada uma das grandes autoras de literatura em seu país. Também tem grande reconhecimento no Brasil.

O teor emocional que ela embotava em seus versos ganhou notoriedade. Sofrimento, desencanto e solidão estão sempre vinculados ao forte desejo de ser feliz.

Desde criança, ela já escrevia seus versos. Ela também foi professora.

(...)

Novamente, tive que citar um poema de Drummond. Ele também fala de um mundo – na verdade, fala de um reino.

É este aqui.

(...)

*Penetra surdamente no reino das palavras  
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.*

(...)

*Chega mais perto e contempla as palavras,  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres;  
trouxeste a chave?*

E poetas têm chaves para mundos. Diversos mundos.

(...)

Ainda bem que os poetas inventam outros mundos, para além da caverna. Ser humano inteligente é esse Platão. Era discípulo de Sócrates.

Poetas não vivem em cavernas.

Poetas têm asas invisíveis. Os poetas trabalham no mundo das palavras e eles têm a chave.

(...)

Quando li Florbela e Drummond, vi como se pode abraçar mundos e reinos. Podemos abraçar o mundo com nossas ideias?

Sim. Posso abraçar o mundo através das palavras.

É isso.

Então, abracei o mundo hoje, várias vezes.

Um abraço,  
Eron

## DIA 6

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Eu sei que a vida não é fácil. Sei também que todos os dias fazemos a mesma coisa, ou quase a mesma coisa: comemos, bebemos, brincamos, dormimos e trabalhamos.

Sim, trabalhamos: trabalho, trabalho e trabalho. Todos os dias, praticamente.

Etimologicamente “trabalho” é uma palavra que parece, em seu final, ter três pontas. Todas elas bem duras e afiadas.

As Poesias também têm pontas. Mas elas não ferem porque as suas pontas alcançam apenas o pensamento. Sentimos a Poesia em nosso corpo com o pensamento.

(...)

Cecília escrevia sobre a vida.

Órfã de pai e mãe, ela venceu o mundo com seus textos e sua Poesia. Escreveu “Espectros”. Ficou conhecida.

Sua escrita é intimista, introspectiva – todos os poetas são introspectivos. Contra o padecer de sua alma, sua obra reflete uma atmosfera de sonhos e de fantasia. Um mundo...

Sobre a Poesia, ela tinha uma ideia clara. Cecília dizia:

*...creio que todos padecem, se são poetas. Porque, afinal, se sente que o grito é o grito; e a Poesia já é o grito (com toda a sua força), mas transfigurado.*

Cecília tinha um sentimento aguçado sobre a transitoriedade de tudo. Nela, não estavam inscritos conceitos sobre ganhar ou perder.

Para ela, o mundo era um espetáculo em constante transição.

Para ela, todas as coisas tinham vida. Todas as coisas latejavam, brilhavam, cresciam, multiplicavam-se, nasciam, morriam, desapareciam... Todas as coisas fluíam.

Todas as coisas se renovavam, padeciam – como as estações do ano. Sim, como as estações do ano.

Mas todas as coisas permaneciam para ela porque voltariam em algum momento.

Sim, e elas permaneciam impregnadas nas palavras.

Mas olhe quem eu encontrei. Pablo Neruda.

*Don Pablo.*

(...)

Pablo nasceu no Chile, em 1904. Era filho de uma professora e de um funcionário público.

Pablo Neruda escreveu desde quando estava na escola primária. Ele escrevia para um jornalzinho. Gostava de viver, de política e da natureza.

Em 1959, escreveu “Cem Sonetos de Amor”.

Pablo Neruda usava a ideia como principal combustível de criação. Sim, o poder da reflexão e a própria ideia como motor do poema.

Ele escreveu em um de seus poemas – “Quero apenas cinco coisas”. Neste poema, é possível ver o modo como ele explora a metáfora de uma estação do ano.

Nele, claramente, também fala sobre as estações do ano e a transitoriedade de tudo – menos do amor, ao que parece. Ele usava metáforas para dizer e traduzir o que sentia.

(...)

“Metáfora” é quando se fala de uma coisa comparando-a com outra.

E ainda mais. Para o leitor, melhor que a explicação sobre o que é uma metáfora, é a experiência de sentimentos que a Poesia pode revelar.

Simplesmente sensacional.

Os poetas sabem usar metáforas – eles precisam delas como o pintor precisa das cores. Temos a dizer mais sobre isso adiante.

(...)

Pois bem.

Então, vamos ao poema de Don Pablo – nome carinhoso como era conhecido e dada a sua habilidade com as letras.

*Quero apenas cinco coisas...  
Primeiro o amor sem fim,  
A segunda é ver o outono  
A terceira é o grave inverno  
Em quarto lugar o verão  
A quinta coisa são teus olhos.  
Não quero dormir sem teus olhos.  
Não quero ser... sem que me olhes.  
Abro mão da primavera para que continues me olhando.<sup>10</sup>*

---

10 Disponível em: [https://www.pensador.com/melhores\\_poesias\\_de\\_amor\\_pablo\\_neruda](https://www.pensador.com/melhores_poesias_de_amor_pablo_neruda). Acesso em: 15 maio 2020.

O mundo de Pablo Neruda não precisa da primavera – ou a primavera ganha outras formas em sua Poesia.

Pergunta.

(...)

Poetas realçam, distinguem, traduzem e afinam os nossos sentidos. Poetas fazem da vida um espaço que vai além de um lugar para comer, beber, dormir e trabalhar. Poetas enchem de sentidos os vazios que parecem “impreenchíveis”.

Viva Cecília! Viva Pablo Neruda!

Viva os poetas!

Um abraço,  
Eron

## DIA 7

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Uma vez, Richard Eberhart<sup>11</sup> foi perguntado por que ele gostava mais de escrever em verso, isto é, de escrever Poesia, do que em prosa.

Mesmo que a pergunta pareça difícil, Eberhart deu uma resposta muito simples. Segundo ele, porque escrever Poesia era mais fácil.

Não entendi, mas ele explicou de várias maneiras.

Primeiro, ele justificou dizendo que a prosa era melhor para explicar. A Poesia implicava em dar mais sugestões do que em dar respostas.

Então, ele continuou.

Para ele, quando se escreve em verso, literalmente esbarra-se em uma espécie de delírio, um tipo de sentimento misturado com alegria. O que dá um certo prazer.

---

11 KAKONIS, Tom. **Statement and Craft**: means and ends in writing. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice Hall, 1971.

Por fim, ele confessou que, em se tratando de verso, os efeitos gerados tinham a ver com a presença das vogais e das consoantes.

Fiquei curioso.

Como um rio fluido, continuou ele, preso entre a rigidez ou as massas monumentais de consoantes, as vogais desfilam, provocando incontrolavelmente um ritmo que serve como se fossem sons especiais aos ouvidos, liberando os seus muitos sentidos.

Tudo em uma leveza diferente, fluindo como um rio de verdade. Um rio que segue.

Simplesmente assim, disse ele. Simplesmente Poesia.

Richard nasceu em Minesota, em 1904. Foi poeta e catedrático. Gostava de viajar e também trabalhava em navios. Na Segunda Guerra Mundial, foi instrutor de tiro. (...) Não gostei dessa parte.

Richard Eberhart foi consultor da biblioteca do congresso dos Estados Unidos. Seus versos são marcados por um considerado rigor intelectual. A maioria de seus versos apresenta uma tensão entre a vida na infância e na idade adulta, inocência e experiência – lembrei de William Blake.

A minha curiosidade me fez buscar algum poema para testar os pensamentos de Eberhart sobre Poesia.

(...)

Encontrei um<sup>12</sup> que me serviu, de Mário Quintana.

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.  
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...  
Quando se vê, já é sexta-feira...  
Quando se vê, passaram 60 anos!  
Agora, é tarde demais para ser reprovado...  
E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,  
eu nem olhava o relógio  
seguia sempre em frente...  
E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das  
horas.

Natural do Rio Grande do Sul, Mário Quintana era jornalista de profissão, mas ficou conhecido mesmo por causa de sua Poesia. Também foi tradutor. Gostava das coisas simples quando escrevia. Recebeu vários prêmios por suas obras.

Publicou seus primeiros versos na escola onde estudou, em Porto Alegre, quando era ainda adolescente.

---

12 Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poemas-mario-quintana>. Acesso em: 15 maio 2023.

Traduziu Voltaire e Marcel Proust.

Ainda, para Quintana, o tema era apenas o ponto de partida de um poema – nunca um ponto de chegada. Segundo ele, os poemas são livres e têm vida própria. Vão aonde querem ir – ou onde estão predestinados a ir. (...) O amor, o tempo e a natureza foram temas explorados por ele.

Mário sabia como ninguém dizer. Para ele, o pensamento num instante ganhava palavras.

Mário escreveu “Os Poemas<sup>13</sup>”, um poema sobre o que é – ou pode ser – um poema. Ele é assim:

*Os poemas são pássaros que chegam  
não se sabe de onde e pousam  
no livro que lêis.  
Quando fecha o livro, eles alçam voo  
como de um alçapão.  
Eles não têm pouso  
nem porto  
alimentam-se um instante em cada par de mãos  
e partem. E olhas, então, essas tuas mãos vazias,  
no maravilhado espanto dos saberes  
que o alimento deles já estava em ti...*

---

13 Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poemas-mario-quintana>. Acesso em: 15 maio 2023.

(...)

Como alguém pode achar palavras para dizer tudo isso de maneira tão direta e simples?

(...)

Pelo que vi, como o tempo, um poema também passa.

Sempre entre vogais e consoantes...

E passa...muitas vezes...

Entre vogais e consoantes...

Como um rio que passa.

Entre vogais e consoantes...

Como a vida que passa.

E passou, como a leitura entre as vogais e as consoantes dessas linhas que você acabou de ler.

(...)

Já, já vou fechar este livro e perceber como Mario Quintana estava certo com relação aos poemas...eles são como pássaros...

É isso mesmo?

Até amanhã.

Um abraço,  
Eron

## DIA 8

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Tenho, em minha casa, vários livros de Poesia. De tempos em tempos, sempre recorro a um em especial. Às vezes, acho que é ele que me encontra.

Mistério.

Há belíssimas histórias dentro dele.

Certo dia, depois de folhear alguns de seus poemas, li que a Poesia era como uma captura de uma imagem ou de uma música ou até de um talento, através de um delicado prisma de palavras.

Achei bonita a definição.

Essa definição que encontrei é de Carl Sandburg, um americano de Illinois, poeta, que escreveu romances e adorava folclore. Ele também escreveu uma biografia sobre Abraham Lincoln.

Dizer que o poema é como um prisma é, no mínimo, interessante.

Imaginei as propriedades de um prisma de vidro. Nele, a luz branca que passa por um lado se dispersa pelo outro em um feixe de luzes coloridas. Como um arco-íris.

Depois fiquei pensando no que disse Carl Sandburg: se as palavras evocam significados, elas podem emitir diversos e inúmeros sentidos – assim como a luz reflete e refrata ao passar por um prisma.

Do mesmo modo, o sentido das palavras também passa por dentro da gente.

Fiquei feliz em saber disso e agradei aos poetas.

(...)

Mas, olhe que interessante: acabei encontrando nesse mesmo livro...

Li: Nietzsche escreveu que uma árvore é a cada instante uma coisa nova e nós afirmamos, apenas, a sua forma – porque não conseguimos apreender a sutileza de seus movimentos.

Um, literalmente, atomista – acho que falei besteira. Poesia também é feita de átomos.

Nietzsche foi filólogo e filósofo alemão – ele nasceu antes que o estado Alemão viesse a existir, é bom dizer.

Ele escreveu sobre religião e moral, sobre ciência e sobre a modernidade. Seus textos, em todo caso, dizem respeito à afirmação da vida. Nietzsche deixou muitos manuscritos, além de correspondências.

Não tenho condições de dizer mais nada sobre Nietzsche. Queria apenas aquela citação acima de que o que vemos é, na verdade, uma escolha que fazemos, muitas vezes, apenas da última das formas de um ser, digo, de um objeto.

Que revelação.

(...)

Então, lembrei de novo de Mário Quintana e de um trecho de um poema seu chamado “Revelação”<sup>14</sup>. Como quem quer nos fazer pensar, ele diz assim: *Um bom poema é aquele que nos dá a impressão de que está lendo a gente...e não a gente ele!*

Senti poemas passando por mim.  
Guardei o livro com cuidado.

Acho que amanhã vou abri-lo novamente.

---

14 Disponível em: <https://literaturaebompravista.wordpress.com/2022/07/13/um-bom-poema-e-aquele-que-nos-da-a-impressao-de-que-esta-lendo-a-gente>. Acesso em: 15 maio 2023.

Um abraço,  
Eron

## DIA 9

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Vi, em Barthes, que todo texto é atópico, senão no seu consumo, pelo menos na sua produção. Talvez, por isso, tenho a sensação de que há um mesmo texto sendo construído, todos os dias.

Um grande poema. Sim, estou falando sobre Poesia.

Porque a Poesia é universal e atemporal e está em todo lugar. Porque a Poesia fala todas as línguas... Por isso, ela surge de algum lugar, de qualquer lugar, como as flores que surgem na primavera, naturalmente.

Como as flores! Poemas são flores. Já dissemos isso, eu acho.

É possível dizer que a Poesia é algo que sai de dentro, porque está cá, dentro. Dentro do homem.

Freud escreveu um artigo em que ele busca entender a relação do poeta com o delírio. Nele, o pai da psicanálise discute o lugar e as fontes de onde esse ser estranho – o poeta – extrai seu material.

Freud sempre estudou a alma do homem. Agora, ele queria saber da alma dos poetas.

Em seu texto, Freud ainda questiona como o poeta consegue causar uma impressão tal em nós – e nos despertar – quando muitas vezes nem sequer nos consideramos capazes de ver e de sentir o que ele sente.

Freud tinha em mente a força da criatividade das crianças.

Então, ele percebeu a força da criatividade das crianças e o delírio sensorial do poeta. Nos dois, ele encontrou uma espécie de alegria e de sentido de prazer.

E ele continua.

Como crianças, parece que os poetas criam seus próprios mundos e são felizes. Eles criam suas regras e se realizam. É como se o poeta estivesse reorganizando o mundo caótico em que vive a partir de palavras e sempre de uma maneira nova, uma maneira que lhe agrade.

Achei fantástico: o poeta como uma criança que cria o seu próprio mundo e brinca. Brinca de ser feliz, com o lápis, o papel e sua imaginação.

O sorriso me veio à boca e me lembrei dos tempos de criança e de minhas brincadeiras. Eram muitas. Lembro de muitos

momentos, todos guardados nas caixinhas de minhas memórias.

Mas não, não sou poeta. Mas já fui criança. Intrigante esse raciocínio de Freud.

Então fui ler um poema<sup>15</sup>. E li esse daqui, de José Paulo Páes. Ele era poeta, ensaísta, jornalista e tradutor. Ele era paulista.

*Poesia  
é brincar com palavras  
como se brinca  
com bola, papagaio, pião.  
Só que  
bola, papagaio, pião  
de tanto brincar  
se gastam.  
As palavras não:  
quanto mais se brinca  
com elas  
mais novas ficam.  
Como a água do rio  
que é água sempre nova.*

---

15 Disponível em: [https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno\\_virtual/introducao-ao-genero-poema/index.html](https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/introducao-ao-genero-poema/index.html). Acesso em: 31 maio 2023.

*Como cada dia  
que é sempre um novo dia.  
Vamos brincar de poesia?*

(...)

Momento de reflexão.

(...)

No final de seu artigo, Freud faz, ainda, a seguinte declaração: “O último poeta não vai morrer até que o último ser humano morra!”<sup>16</sup>

Lembrei, agora, de uma Poesia de Ferreira Gullar que diz assim<sup>17</sup>:

*Onde está  
a poesia? Indaga-se  
por toda parte. E a poesia  
vai à esquina comprar um jornal.*

---

16 “The last poet will not die until the last human being” (FREUD, 1984, p. 125).

17 Disponível em: <https://www.tudoepoema.com.br/ferreira-gullar-a-poesia>. Acesso em: 15 maio 2023.

Fiquei mais pensativo ainda. Será que também posso escrever Poesias?

Demorei para dormir ontem, à noite.

Um abraço,  
Eron

## DIA 10

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Espero que vocês estejam bem.

(...)

Folheando uns papéis sobre estantes em meu quarto, encontrei a figura de William Hazlitt.

Escritor londrino, ele influenciou muita gente em sua época. Era um humanista. Dotado de sensibilidade, Hazlitt transformou sua primeira arte – a pintura – em Poesia.

Uma ideia que aprendi com ele é que a Poesia sempre produz a impressão supernatural de um objeto ou evento.

Também aprendi que a Poesia faz com que os objetos estimulem, no leitor, um movimento involuntário de imaginação.

Vi isso em um poema de Adélia Prado.

(...)

Adélia Prado nasceu em Divinópolis, em Minas Gerais. Foi contista e professora. Amava filosofia. Adélia sempre escreveu sobre o cotidiano e sobre as coisas simples. Envolta em um universo cristão, Adélia escrevia sobre a vida com perplexidade e encanto.

Deixou de ser professora para se dedicar à literatura. Ganhou prêmios nacionais como o Jabuti, de 1978 – com o livro “O Coração Disparado”. Foi amiga de Carlos Drummond e de Afonso Romano de Sant’Anna, autores consagrados na literatura nacional.

Adélia gostava de sua casa, ela gostava de estar em casa, e suas lembranças lhe deram ricos substratos para seus poemas.

Um dia, ela escreveu um poema que chamou de “Impressionista”. É um poema bem familiar. Sim, há Poesia na família – e há poetas que a revelem.

Porque a Poesia lida com as coisas de todos os dias.

O poema foi publicado no livro “Bagagem”, em 1976.

*Uma ocasião,  
meu pai pintou a casa toda  
de alaranjado brilhante.  
Por muito tempo moramos numa casa,*

*como ele mesmo dizia,  
constantemente amanhecendo.*

Incrível como a Poesia supervaloriza objetos e eventos que, muitas vezes, parecem quase invisíveis.

Invisíveis, mas não para o pai de Adélia.

(...)

De fato, o resultado da Poesia é sempre uma expressão singular, única mesmo. (...) Graças ao poeta que parece ver o mundo diferente dos homens comuns...

(...)

No mínimo intrigante entender como um poeta vive.

Acho que agora todos estão pensando naquela casa constantemente amanhecendo.

(...)

Alinhado com os poetas, compartilho a ideia de que a Poesia é sonho. (...) E se a Poesia é sonho, as coisas da vida também podem ser...

...e se a Poesia é uma ficção composta do que queremos

que todas as coisas sejam, então, não pode existir realidade melhor.

Viva a Poesia. Viva os poetas.

Viva Adélia e Viva Hazlitt.

Um abraço,

Eron

## DIA 11

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Acordei hoje com um forte vento querendo entrar pela janela. O frio da brisa da manhã quis invadir a casa toda. Não tive como contê-lo totalmente. Foi inevitável.

Quer saber? A casa ficou mais fresquinha.

(...)

Foi lendo Matthew Arnold que descobri que Poesia é a forma de arte na qual o que não é dito é tão importante, ou mais importante, do que o que é dito.

Sim, há vazios na Poesia e eles são essenciais.

Como o vento que não vemos...

Parece que é aquela parte do poema que somente pode ser preenchida pela imaginação. É nessa hora que a participação do leitor é indispensável.

É que há no poema uma espécie de efeito que é gerado a partir de uma combinação entre as palavras e os vazios.

Pensei: além de combinar vogais e consoantes, o poeta tem também quer lidar com vazios.

Como na música entre silêncios e ruídos...

Não duvido do que são capazes os poetas.

Então, fui tentar ver como isso funciona. Fui procurar um poema para ilustrar isso.

Achei Álvares de Azevedo.

Álvares de Azevedo nasceu em São Paulo. Seus textos, repletos de subjetividade, buscavam realizar seus desejos e a vontade de sua individualidade, ao máximo – até os céus.

Eis o poema<sup>18</sup>:

*Respiro o vento, e vivo de perfumes  
No murmúrio das folhas de mangueira;  
Nas noites de luar aqui descanso  
e a lua enche de amor a minha esteira.*

---

18 Disponível em: <https://www.poesiasemensagens.com.br/frases-pensamentos/respiro-o-ventoe-vivo-de-perfumes-no-murmurio-das-folhas-de-mangueira-nas-noites-de-luar-aqui-descanso-e-a-lua-enche-de-amor-a-minha-esteira>. Acesso em: 22 maio 2023.

Parece até que o poeta conhece a vida – e o universo! – antes mesmo de lidar com ela na Poesia. O poeta tem o universo como sua extensão – literalmente.

Sim. Até a lua para ele tem vida e parece entendê-lo.

(...)

Mathew era inglês e trabalhou em escolas. Foi professor de Poesia.

Escreveu sobre a educação popular e foi membro da academia americana de ciências e artes, mesmo sendo inglês.

Sua sabedoria instigava seus leitores a pensar nas questões sociais.

Sensacional!

Quer saber? O meu dia ficou mais fresquinho com essa Poesia.

Um abraço,  
Eron

## DIA 12

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Desde ontem que tenho revisitado diversos livros em minha biblioteca...

Encontrei um tal Emerson.

(...)

Foi Ralph Waldo Emerson que deu uma carta de liberdade aos americanos e que os serviu como guia emancipador de uma humanidade democrática.

Escreveu textos sobre a natureza e a vida.

Queria ele que os americanos criassem um mundo diferente; ele queria que os homens se realizassem pessoalmente através do pensamento – e não das coisas materiais.

Um desafio e tanto.

Em um dos seus escritos, ele escreveu que a Poesia era o esforço perpétuo de expressar o espírito das coisas ao passar

por dentro de seus corpos brutos e procurar a vida e a razão que os fazem existir.

Acreditava Emerson em um novo homem, portanto.

Não sei se esse homem já foi encontrado. Mas, sei que a Poesia está aí.

(...)

Antônio Pereira das Oliveiras Silva e Senhor nasceu na cidade de Água Preta, Pernambuco, na primeira metade do século XX. Poeta com densidade romântica, seus versos revelam a força de suas subjetividades.

Sua Poesia está inundada em um universo que revela uma relação direta de amor com a vida e com o objeto maior de sua inspiração: Adélia, sua esposa.

Foi das águas do rio que dá nome a sua cidade e da cana de açúcar dos engenhos e das usinas da região em sua volta que ele aprendeu a purificar a sua vida.

Antônio era poeta e administrador de engenhos.

Da recepção da cana ao seu preparo para moagem, da limpeza do produto ao cuidado para não perder o doce da planta, do teor da fibra até a redução de sua umidade para a

qualidade característica final do produto, de tudo ele sabia.

Compartilho a seguir um de seus poemas<sup>19</sup> dos mais de duzentos que produziu – a grande maioria ainda inédita, importante dizer.

*Deixa-se, por descuido, uma semente,  
Na terra fértil cair em algum lugar,  
E ela se abre e começa, viridente,  
Liberdade de vida a procurar...*

*Algum tempo depois, quem a encontrar,  
Verá que evoluiu: ela, esplendente,  
É um arbúsculo agora, resistente,  
Verde frança, mui lindo, erguendo-se no ar.*

*Mais tarde, já feita, árvore frondosa,  
Pompeia, altiva, e freme, aos duros ventos,  
Em luta desigual, sempre altaneira...*

*Assim nasce, e num peito, aos elementos  
De toda sorte, hostil e tormentosa.  
Vive um sincero amor a vida inteira.*

(...)

---

19 O título do poema é “A semente magnífica”, ainda no prelo.

Antônio Senhor, como era conhecido, foi alfabetizado por sua própria mãe: Josefa Maria da Conceição Bastos do Espírito Santo e se emancipou através do pensamento, como dizia Emerson – seus poemas são a maior prova.

Da metáfora da semente, que se transforma em árvore frondosa e vive seu amor a vida inteira, assim também o poeta vive a Poesia.

Antônio viveu uma vida simples, sempre rodeado de livros e, especialmente, de poemas. Ele era dono de seu próprio mundo.

Tanto ele quanto Emerson eram movidos por um tipo de inquietação tranquila, como se os seus sentidos buscassem um lugar para além de si.

E não é a Poesia mais que uma extensão do poeta, nada mais que um longo e grandioso braço por excelência e que tudo pode alcançar?

(...)

O que eu sei é que a Poesia está em todo lugar e para ela não existem fronteiras, nem tempos nem eras.

Fiquei pensando e desconfiando se é a Poesia que faz mover o universo. Eu pergunto e você me responde. E então?

Um abraço,  
Eron

## DIA 13

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Demorei um pouco para pôr no papel o que eu queria desta vez. Pensando, só queria uma forma de começar. Tempo inquieto (...). Eu, inquieto.

O tempo não é uma coisa que podemos pegar com as mãos. Parece que ele passa por dentro de nós e, às vezes, rápido demais.

(...)

Encontrei um livro que havia comprado há alguns anos que, de algum modo, fez-me escrever hoje pela manhã: “Cartas a um Jovem Poeta”, de Rainer Maria Rilke.

Rilke, como é mais conhecido, é, talvez, o maior de todos os poetas alemães – embora ele não seja alemão. Rilke nasceu em Praga, capital da Tchecoslováquia, na época, ainda parte do Império Austro-húngaro.

Nas cartas disponíveis no livro, Rilke conversa com os amigos sobre a vida e sobre a Poesia. Em uma delas, indagado

sobre como escrever uma, ele anuncia um caminho.

Primeiro, penetre em si mesmo e procure a necessidade que o faz escrever – observe se essa necessidade tem raízes nas profundezas do seu coração;

Segundo, aproxime-se da natureza; diga o que vê; evite temas demasiados comuns – são os mais difíceis – e aproveite aqueles que o dia a dia lhe oferece;

Terceiro, fale sobre você, sobre suas tristezas e sobre seus desejos; fale dos pensamentos que o tocam e de sua fé na beleza;

Por fim, registre tudo com calma e humildade. Lembre-se de que para o poeta nada é pobre e não há lugares mesquinhos e indiferentes.

Um verdadeiro mapa da mina!

(...)

Paulo Leminski foi escritor, poeta e crítico literário. Curitibano, tinha um jeito próprio de escrever. Sua Poesia é sempre cheia de objetividade.

Escolhi um poema dele para ilustrar algum traço indicado por Rilke. O título do poema é “Amor Bastante”<sup>20</sup>.

*Quando eu vi você  
Tive uma ideia brilhante  
Foi como se eu olhasse  
De dentro de um diamante  
E meu olho ganhasse  
Mil faces num só instante*

*Basta um instante  
E você tem um amor bastante*

(...)

Pense comigo.

O lugar que o poeta escolhe para ver o seu objeto poético é único; só o poeta é capaz de chegar até ele. O engraçado é que esse lugar está dentro do diamante e, ao mesmo tempo, dentro do poeta.

Como isso é possível... Pergunto.

Pelo que podemos ver, o poeta vê tudo bem de perto, como

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/11228/amor-bastante>. Acesso em: 22 maio 2023.

se ele tivesse de posse de um instrumento especial, parecido como um olho, mas não um olho comum, um olho especial – note que ele vê mil faces em um instante. É um olho de poeta.

E o poeta se realiza apenas naquilo que vê, por um instante. Basta um instante.

Nisso, suas tristezas e suas alegrias se misturam com seu desejo e provocam-lhe um sentimento único, “irrepetível” e fazem daquele momento belo.

(...)

Parece que, para ser poeta, deve-se dar sempre razão aos seus próprios sentimentos e aos seus próprios versos.

Com o tempo, cada impressão, cada germe de sentimento amadurecem em si – nesse caso, o tempo não parece ser uma medida. Ele não se conta.

(...)

Mais perguntas me vieram à cabeça.

Poucas respostas.

(...)

Está chovendo lá fora e faz muito frio onde estou.

Mas, o verão há de vir. Ele sempre vem para aqueles que sabem esperar, tão sossegados, como se estivessem em frente a eternidade.

Todos os dias a vida nos surpreende.

Um abraço,  
Eron

## DIA 14

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Manhã ensolarada hoje. Céu bonito. Um azul irrepetível, um calor profundamente saudável. (...) Em meu bairro, tem uma árvore linda, enorme, que merecia um quadro. Dá para vê-la quase de todo lugar, ainda. Uma verdadeira obra de arte.

(...)

De que Poesia é uma forma de arte há consenso; nela, o sentido de reflexão é presente também. O que não pode deixar de existir, em qualquer forma de arte, é o sentimento de algo novo acontecendo...

...tão novo que chega a estranhar.

Os poetas são hábeis nisso. Eles transformam, quando organizam seus textos, em novidades. (...) Como se alguém estivesse comendo, pela primeira vez, certa fruta ou um prato especial de um chefe de cozinha.

...como ingredientes, o poeta combina palavras.

(...)

Acordei mais tarde no dia de hoje. Fui dormir ontem pensando coisas. Fui dormir pensando em organizar meus livros e meus textos. Isso mesmo, também escrevo algumas coisas.

(...)

Charles Baudelaire era francês e considerado, por muitos, como intérprete da dor do mundo e das paixões da vida. Para ele, tudo era tão suspeito que lhe intimidava o espírito – e, então, ele traduzia tudo em poemas.

Baudelaire foi traduzido em muitas línguas, em português também. Tenho-o em, pelo menos, duas traduções. Refiro-me, especialmente, a seu livro mais conhecido – “As Flores do Mal”.

Cabe dizer que, em “As Flores do Mal”, muitos poemas foram proibidos. Mas não é a esse ponto que quero chegar. O que busco dizer é como o papel do poeta é imprescindível na sociedade, como antena da raça, como dizia Ezra Pound ou como essencial para consolidação de uma cultura, como afirmava Décio.

Baudelaire foi tudo isso para a sociedade francesa e em um tempo obscuro, de muitas lutas – em plena revolução.

Como esteta da imaginação, Baudelaire dizia que o olho interior transformava tudo e dava a cada coisa o complemento da beleza que lhe faltava para que o objeto fosse pleno.

Incrível essa reflexão.

Dizem até que sem Baudelaire não teria havido inúmeros poetas. Eu não saberia afirmar isso, entretanto.

Importa-nos, agora, compartilhar algum poema de Baudelaire como ilustração de seu olho interior, portanto.

O poema, a seguir, chama-se “O Albatroz” e está em “As Flores do Mal”. Este, na época, não foi proibido.

*Às vezes, por prazer, os homens da equipagem  
Pegam um albatroz, imensa ave dos mares,  
Que acompanha, indolente parceiro de viagem,  
O navio a singrar por glaucos patamares.*

*Tão logo o estendem sobre as tábuas do convés,  
O monarca do azul, canhestro e envergonhado,  
Deixa pender, qual par de remos junto aos pés,  
As asas em que fulge um branco imaculado.*

*Antes tão belo, como é feio na desgraça  
Esse viajante agora flácido e acanhado!  
Um, com o cachimbo, lhe enche o bico de fumaça,  
Outro, a coxear, imita o enfermo outrora alado!*

*O Poeta se compara ao príncipe da altura  
Que enfrenta os vendavais e ri da seta no ar;  
Exilado no chão, em meio à turba obscura,  
As asas de gigante impedem-no de andar.*

(...) Sim, quando em terra, os poetas são desajeitados mesmo. Albatrozes. A realidade é dura para o poeta. Dura como pedra. Eles preferem os céus.

(...)

Falando em pedra...

Como poeta, João Cabral de Melo Neto tinha, em seu trabalho de elaboração, o lapidar da palavra como pérola, em seus mais sutis e refinados detalhes – combinações, silêncios, sons, em relação com o todo em que está inserida.

Esperem um tanto. Daqui a pouco, voltaremos para João Cabral. É que, quando ia falar sobre ele, dei-me conta de outro poeta: Francisco Ivan. Falei em João Cabral e me lembrei de Francisco Ivan.

Pois bem.

Francisco Ivan é natural de Currais Novos, no Rio Grande do Norte. Exímio professor de Linguagens, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ele é autor, entre outros

livros, de “Signos in Excelsis” (2015) e “Sertanejo Mar (2018).

Chico Ivan, como é bem conhecido entre seus conterrâneos potiguaros, passeia na história com olhar de poeta, na intensidade de um viver que oferta o que ele tem de melhor: a palavra.

Como uma luz que reflete a vida, seus versos denunciam sabedoria, fruto de uma existência dedicada desde sempre e intensamente à leitura, agora em sua “Casabiblioteca”. Francisco Ivan navega entre o mar e o sertão, entre o local e o universal, entre a efemeridade de cada momento e a eternidade em seus escritos<sup>21</sup>.

Amigo de Fernando Pessoa e de Tolstói, de Machado, de Borges e de Guimarães Rosa – por que não dizer que todos os poetas são amigos? –, enquanto Baudelaire traduzia na figura de um albatroz a imagem de um poeta, Francisco Ivan o via em borboletas. Em “Signos in Excelsis”, ele registra:

*Em cenário de flores  
Uma borboleta baila  
Baila baila...*

E entre flores, rouxinóis e borboletas, o olho do poeta vê a realidade além.

---

21 Santos (2021).

Não são as borboletas vinculadas à alma do homem?

Ouvi dizer que sim.

Sim, não esquecemos de João Cabral.

(...)

João Cabral escreveu em tempo de terra seca, mas queria dar outra coisa, para muito além da terra árida que lhe circundava. Para ele, a terra de onde brotam suas palavras ou frutos, como ele diz, é a mesma terra que pisamos. João Cabral entende a vida com certo rigor, com a idoneidade de poeta – que não pode mentir.

Poetas não mentem.

Pois bem. É porque os personagens de João Cabral de Melo Neto situam-se entre a vida e a morte – como todo ser humano. Mas é preciso aperceber-se disso. É preciso aperceber-se da realidade. Poetas também falam de realidades. A existência é morte e vida, severas – ou severina, para ele.

Sim, o poeta também é um retirante que se quer em qualquer lugar e, em todo tempo, ele passa. Inquieto, ele viaja em busca de seu lugar. O poeta, então, de tão especial e diferente que é, nos diz<sup>22</sup>:

---

22 Disponível em: <https://umprofessorle.com.br/2018/04/12/psi->

*Cultivar o deserto  
como um pomar às avessas*

*(A árvore destila  
a terra, gota a gota;  
a terra completa  
cai fruto!*

*Enquanto na ordem  
de outro pomar  
a atenção destila  
palavras maduras)*

*Cultivar o deserto  
Como um pomar às avessas.*

*então, nada mais  
destila; evapora;  
onde foi maçã  
resta uma fome;*

*(...)*

João Cabral era poeta, e poetas adoram imagens. Definitivamente. Falando nisso, quando li o seu poema, eu quase senti o gosto da maçã na minha boca agora.

---

cologia-da-composicao. Acesso em: 31 maio 2020.

(...)

Mas, de qualquer modo, onde está o gosto da maçã mesmo, na fruta ou na boca?

O que eu posso dizer é que...

Espere um pouco. Alguém me chama no portão. Eu volto já. Se eu não voltar logo, conversaremos sobre isso depois.

Um abraço,  
Eron

## DIA 15

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Aprendi a gostar de Poesia depois de adulto. Mas, acho, ainda assim, que, no meu caso, ela chegou na hora certa.

(...)

Não posso advogar aqui, em todo caso, que as escolas deveriam ter em seus currículos “Poesia”. (...) Também não lembro de ter sido incentivado a ler Poesia em sala de aula quando estudante. Talvez, eu tenha sido e não tenha percebido. Talvez.

É verdade que a Poesia não entra oficialmente em currículos, mas é verdade também que ela pode fazer parte da sequência de unidades didáticas escritas pelos professores em todas as disciplinas.

Claro que pode. Eu também sou professor.

Que a Poesia é praticamente barrada em muitos lugares, isso se sabe. Que em muitas escolas ela é quase proibida – pelo menos na prática – também. Talvez, porque a dureza

de componentes curriculares, em geral muito engessados, não a permite.

Então, muitos professores são “obrigados” a excluir a Poesia de suas agendas.

Uma pena.

(...)

Robert Frost, um poeta americano que escreveu um lindo poema chamado “A estrada que eu não tomei” – tradução minha de “The road not taken” –, também escreveu um ensaio sugerindo que a Educação deveria ser feita a partir da Poesia.

No mínimo ousado, o rapaz.

Primeiro, ele diz que uma Educação pela Poesia é uma Educação por metáforas.

Fiquei curioso e animado.

A Poesia começa em metáforas triviais e segue para os lugares mais profundos em nossas mentes, para nossos pensamentos mais profundos. A Poesia fornece uma maneira permissível de dizer uma coisa a partir de outra. Yes!

Isso é sensacional.

Se você parar para pensar, todos nós gostamos de conversar em parábolas, diretas e indiretas, seja por desconfiança ou por algum outro instinto.

Contra a Poesia em salas de aula, está o fato de que, como somos classificados e avaliados socialmente, todos os dias – como se nós pertencêssemos a essa ou àquela prateleira social –, também somos tentados a “marcar” estudantes assim: com notas redondas, a partir de seus erros e acertos, conforme conteúdos curriculares de cada disciplina em cada trimestre.

Isso mesmo. Como sou classificado pela sociedade conforme estereótipos pré-definidos e cristalizados, também qualifico e classifico os estudantes com base nos conteúdos curriculares...

O fato é que a escola é influenciada pela sociedade e não o contrário. Infelizmente.

(...)

Mas, o que fazer, por exemplo, com o entusiasmo de um leitor diante de uma Poesia?

Essa pergunta quem faz é Robert Frost.

Eu a deixo para você.

Vamos ver se outro poeta pode nos dizer alguma coisa.

(...)

Olga Savary foi tradutora e poeta. Traduziu Borges, Neruda e Octavio Paz, entre diversos outros autores de língua espanhola. Ganhou prêmios nacionais de literatura. De seus poemas, eu compartilho um intitulado “David”<sup>23</sup>.

*Não sendo bicho nem deus  
nem da raiz tendo a força  
ou a eternidade da pedra,  
o poeta nas palavras  
põe essa força de nada:  
sua funda é o poema.*

(...)

Pois é, um poema é uma funda. (...) E mata gigantes.

(...)

De fato, como é bom aprender com os poetas, digo, com a

---

23 Disponível em: <https://umprofessorle.com.br/2018/04/12/psicologia-da-composicao>. Acesso em: 31 maio 2020.

Poesia. E parece que a aventura começa exatamente quando terminamos de ler o poema – e não durante a sua leitura.

(...)

Quantos gigantes um estudante não tem que derrubar até que amadureça e compreenda o que há de mais importante em sua volta?

Os poetas, definitivamente, podem ajudar nessas conquistas.

Ah, dizem que o “David”, de Olga Savary, também é poeta.

E tocava harpa.

Vou pesquisar depois.

Um abraço,  
Eron

## DIA 16

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Acordei pensando coisas... Então, fui pegar alguma coisa para ler...

(...)

Nenhuma palavra é naturalmente poética. Saturada pelo consumo social, ela existe como qualquer outra coisa na realidade. Nesse sentido, é o poeta que, por sua vez, realiza a operação íntima de transplante da palavra de seu estado ordinário para o estado extraordinário, isto é, para seu estado de Poesia.

Lindo isso. (...) Li não sei onde.

Sim, o poeta faz com as palavras o que o pintor faz por meio das cores.

(...)

Em seu texto em defesa da Poesia, Percy Bysshe Shelley disse que sem a Poesia a sociedade não poderia se realizar.

Segundo ele, se os homens vivessem sem imaginação, o país entraria em colapso e tenderia a se acabar.

E ele justifica o que diz.

Segundo ele, isso é porque, com a Poesia, os indivíduos mudam para melhor e, assim, a sociedade também muda para melhor... porque a sociedade é feita de indivíduos.

(...)

Cheguei até a lembrar de Paulo Freire. Nosso velho mestre está em todas. Parece que ele também disse tudo.

(...)

Estou lembrando, de novo, que os poetas são como antenas da sociedade...

Tem sentido.

(...)

Percy Bysshe Shelley tinha visões bem definidas sobre o mundo. Era considerado um visionário e antimonarca – mesmo sendo inglês e vivendo na Inglaterra. Viveu intensamente no século XIX.

Em vida, sua Poesia alcançou poucos admiradores. Depois de sua morte, suas realizações poéticas tornaram-se bem conhecidas e seu pensamento político influenciou muitos movimentos e pessoas importantes, mas sempre pela Poesia.

Dizem que ele influenciou o próprio Marx.

Filho de político e de uma mãe de origem aristocrata, foi educado em casa. Gostava de caçar e pescar quando criança. Era, reconhecidamente, avesso a outras atividades juvenis. Gostava de fazer travessuras sozinho, sem envolver seus amigos.

Textos sobre ele dizem que ele chegava a ler 16 horas por dia quando chegou à universidade.

(...)

Manuel Bandeira foi poeta. Gostava de usar a língua coloquialmente. Era a favor da liberdade e da irreverência. Como poeta, cuidava do cotidiano da vida e das coisas.

Era pernambucano, mas viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro. Amava o Rio.

Seu primeiro livro de Poesia foi “Cinza das Horas”. Entre os seus principais poemas está “Os Sapos”, que ele publicou na Semana de Arte Moderna, em São Paulo, em 1922. Mas, não é esse poema que quero apresentar.

Bandeira fez um poema que diz muito. Especialmente do jeito como olhamos para as coisas – e para a vida.

Ele intitulou de “Poema do Beco”<sup>24</sup>. É bem assim:

*Que importa a paisagem,  
a Glória, a baía, a linha do horizonte?  
– O que eu vejo é o beco.*

Incrível.

Talvez, precisemos ver a vida diferente – como nos provocou Bandeira.

Sim, Shelley nos queria mais políticos. Importante ver os becos, também.

(...)

Ah, Percy Bysshe Shelley era casado com Mary Shelley, aquela mesma que escreveu o livro “Frankenstein”.

Manuel Bandeira nunca se casou. Segredos em suas cartas revelaram que ele era apaixonado por uma tal Gertrud Bühler, alemã.

---

<sup>24</sup> Disponível em: [https://www.todasasmusas.com.br/17Jean\\_Pierre](https://www.todasasmusas.com.br/17Jean_Pierre). Acesso em: 22 maio de 2023.

(...)

De fato, há riquezas na vida que não são percebidas pelo homem comum. Então, para isso existem os poetas: para nos mostrarem o que há muito perto de nossos olhos.

(...)

Acabei de chegar à minha casa e, só agora estou tentando me lembrar das coisas simples que nem vi – nem me dei conta que vi – quando fui à padaria esta manhã.

Um abraço,  
Eron

## DIA 17

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Nas minhas leituras de poemas, percebo que eles tendem a parar o tempo – ou a nos parar mesmo – e oferecer os mais diversos sentidos reflexivos para quem os lê. Tem sido assim comigo, desde sempre.

É isso.

Porque a Poesia também lida com o conhecimento de mundo.

De fato, poemas tendem a se expandir ou a se acomodar na unidade espaço-tempo histórico – até que uma nova leitura os recoloca em ação.

Porque todo o poema é parte de uma racionalidade tal que nos convida a sermos participantes efetivos do mundo. Sim, é da natureza da Poesia guiar os olhos do leitor pelo mundo. E ela o sabe fazer, brilhantemente.

Fiquei pensando... se é do homem que saem interrogações e reflexões sobre o universo, por exemplo, é para ele que elas voltam, sempre. (...) E o poeta, ao escrever, é quem as

renova para novos ciclos.

(...)

Theodor Wisengrund Adorno nasceu em Frankfurt, na Alemanha em 1903. Filho de comerciante atacadista de vinhos e de mãe católica – cantora profissional –, Adorno viveu muito tempo aos pés de sua tia, Ágathe, que era pianista.

As sinfonias dos clássicos lhe acompanharam durante grande parte da infância.

Adorno começou a ler em casa e aos 18 anos foi à universidade, onde começou a estudar filosofia. Mas sua paixão era a música. Escreveu críticas sobre óperas e concertos em Frankfurt.

Para ele, o mundo havia mudado depois da Segunda Guerra Mundial. Era outro. Desse tempo em diante, ele chegou a questionar a possibilidade de se fazer Poesia.

Interrogação.

É que os traumas e as catástrofes por ela provocados estancaram o fluxo de vida. Era preciso salvar o passado da opressão e ser fiel às utopias não realizadas... De novo, ele dizia.

...e o coração de Adorno apelava para que não nos esquecêssemos, também, dos mortos naqueles inesquecíveis eventos.

Adorno entendia que o que se caracteriza muitas vezes como irracional habitava no âmago da razão dominante e poderia ganhar vida em uma falsa ordem social.

Vivemos sobre grandes riscos, muitas vezes. Entendi.

Pensei no fascismo.

Lembrei de Anne Frank.

Tudo o que Adorno disse foi para deixar claro que a arte era necessária – lembrei dos “antenas da raça”, de Ezra Pound, outra vez – e que poetas são necessários na sociedade. Artistas e Poetas se antecipam aos fatos – mesmo sem querer fazê-lo.

Pois bem.

Quero apresentar-lhe um poeta. Acho que bem conhecido nosso.

Eu me refiro a Mário de Andrade.

(...)

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo. Estudou no Conservatório Musical de São Paulo e se formou em piano.

Também era músico. Mário foi escritor e pesquisador da cultura popular. Realizou diversas expedições pelo interior do país. Documentou e observou hábitos do brasileiro (...). Afastou-se da música por conta de tremores nas mãos.

Aproximou-se da literatura.

Publicou seu primeiro livro sob o pseudônimo de Mário Sobral. (...) Foi diretor do Departamento de Cultura de São Paulo e professor de História da Música.

Era apaixonado por São Paulo, definitivamente: “São Paulo, comoção de minha vida”, é um verso seu.

Quero partilhar um poema dele intitulado “Carnívoros”<sup>25</sup>. O poema saltou do contexto da Segunda Grande Guerra, também – na verdade, é apenas um trecho dele. Esse poema me faz lembrar, também, as preocupações de Adorno.

Pois bem.

---

25 Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/marcelmatias/DisCIPLINAS/estudos-de-literatura-brasileira/estudos-de-literatura-brasileira-2016.2/ha-uma-gota-de-sangue-em-cada-poema/view>. Acesso em: 15 maio 2023.

*Quando a paz vier de novo, nova e franca,  
passar nestas estradas e caminhos,  
novas aves talvez e novos ninhos  
hão de agitar-se pela manhã branca...*

*Novos ventos virão da serra,  
úmidos, rindo-se, esfuziar no prado;  
e novamente, regando a terra,  
ir-se-á, rangendo, o arado...*

(...)

E que fiquem as reflexões para nós.

Muita coisa sendo dita, penso.

E que venha essa outra paz...

E por que ela ainda não chegou.

Ela vai chegar.

Perguntas.

(...)

Um abraço,  
Eron

## DIA 18

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Outro dia, ouvi dizer que as folhas de louro, tão admiradas na Grécia antiga e com as quais se faziam coroas para seus heróis, somente serviam para temperar o arroz.

Foi Ovídio quem o disse. De fato, o autor de “Metamorfose” se perguntava: como encontrar um modo de remunerar o trabalho e o ofício de um poeta?

(...)

Quem revelou esse segredo de Ovídio para mim foi Décio Pignatari. Está em seu livro “Comunicação Poética”.

(...)

Décio era filho de imigrantes italianos e morou muito tempo em Osasco, São Paulo. Ele foi professor e ator, ensaísta e outras coisas mais – entre elas, tradutor. Décio traduziu Dante, Goethe, Shakespeare e Joyce.

Uau!

Uma sumidade reconhecida na academia, especialmente.

Como poeta, um grande traço em seus poemas eram as experiências que ele fazia com a linguagem. Recursos visuais e fragmentação de palavras são sempre em destaque em seus textos.

Para a pergunta em destaque acima – sobre pagar pelo serviço de um poeta –, Décio não demorou em responder: para ele, não é possível remunerá-lo.

Segundo Décio, o poeta é aquele artista que ajuda a fundar culturas inteiras. Como pensar na língua inglesa sem Shakespeare e, na alemã, sem Goethe? – perguntava.

Pensou?

(...)

Arnaldo Antunes também é paulistano, como Décio. Também gosta de fazer experiências com as palavras, sempre buscando deslocá-las do lugar comum, do seu lugar de origem.

Para Arnaldo Antunes, escrever um poema é um trabalho pedagógico. Para ele, o poema, mesmo finalizado, é sempre matéria-prima para outras experiências.

(...)

Dá para pensar nisso... um trabalho pedagógico... matéria-prima...

(...)

Vamos ver um poema que possa demonstrar tais experiências. Um poema do próprio Arnaldo.

*Seja o que for  
Que seja o que  
For que seja o  
Que for que seja  
O que for que  
Seja o que for*

(...)

No poema acima, o poeta explora apenas quatro palavras e, nelas, parece caber o seu destino – seja ele o que for!

O poeta testa possíveis efeitos de palavras quando combinadas diferentemente. Para o poeta, a palavra é tudo.

E produz seus efeitos, outros.

(...)

Depois da leitura desse poema, fiquei intrigado. Há poemas que surgem das ideias e se representam nas palavras. Mas,

parece, há poemas que surgem das palavras e geram ideias.

No caso de Arnaldo e de Décio, seus poemas surgem das palavras, primeiramente.

Eles fazem uma linguagem própria quando fazem poemas, recriando uma língua, uma linguagem e, assim, ele recria o mundo específico.

Um poema cria modelos de sensibilidade...

...e o poeta vê e vive num mundo completamente diferente.

É por isso que um poema, sendo um ser concreto de linguagem, parece mais abstrato de todos os seres.

(...)

Fiquei sem palavras... Será que alguém pode ficar sem palavras?

Não o poeta!

Um abraço,  
Eron

## DIA 19

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Fiquei curioso com uma coisa que eu li...

Li em um texto que os poemas também servem para instruir. Bom, pelo que entendo, esse não é seu objetivo final. Nunca o foi. Mas sei que, ao provocar nossa imaginação, ele acende uma luz que nos faz seguir um caminho em direção a uma nova estatura de conhecimento.

Oi?

(...)

Continuemos raciocinando.

Primeiro, é importante dizer que a Poesia não quer insinuar lições. Segundo, também é importante dizer que, em tempos antigos, quando quase não havia escrita, muitos tipos de informações eram colocados em versos.

Sim, os versos eram memoráveis – o aprendiz poderia levá-los de um lugar para o outro com certa garantia. (...) Li

que conselhos sobre agricultura ou construção naval eram transmitidos em forma de Poesia, isto é, em rimas. (...) Talvez, para não esquecer...porque era mais fácil de memorizar.

Instruções...

Sim, muitos grandes poemas também dão instruções. “A Divina Comédia”, de Dante, e o “Livro de Jó” estão cheios de sabedoria e instruções, podemos dizer. Os sermões de John Donne são, praticamente, poéticos – dão prazer em ouvir, mas são exceções.

Nesse caso, estamos falando de John Donne.

Mas poemas não se querem instrucionais ou didáticos.

Muitas vezes, movimentos didáticos são entediantes. Se houver um poema que se proponha a ensinar alguma lição, ele nada mais é que uma instrução – eu diria. Assumo essa responsabilidade.

Porque a Poesia não tem a “Verdade” como objeto. A Poesia tem apenas a si mesma como objeto. Os meios para demonstrar a “Verdade” são outros e estão em outro lugar.

Mas há quem pense que a Poesia deve ser funcional e que poemas tenham uma mensagem que possa ser aplicada. (...) Poesia não é uma tarefa. Não há Poesia, por exemplo,

de como se dar bem e ter sucesso na vida.

Não há.

(...)

Murilo Mendes escreveu: “Tudo é ritmo no cérebro do poeta. Não me inscrevo em nenhuma teoria.”

Murilo Mendes nasceu em Juiz de Fora. Depois foi morar em Niterói, no Rio de Janeiro. Também morou em Portugal. Nunca perdeu contato com a realidade social. Acompanhou todas as transformações de suas épocas com zelo e apreço pelas palavras.

Estreou em 1930, com seu livro “Poemas”. Em um dos poemas intitulado “Modinha do Empregado de Banco”, ele escreveu:

*Eu sou triste como um prático de farmácia  
Sou quase tão triste como um homem que usa costeletas  
Passo o dia inteiro pensando nuns carinhos de mulher  
Mas só ouço o tectec das máquinas de escrever  
(...)  
Também se o diretor tivesse a minha imaginação  
O Banco já não existiria mais  
E eu estaria noutro lugar.*

(...)

Esse Murilo é incrível.

Murilo era modernista, pelo que dizem, e ainda é muito estudado nas universidades. O tempo todo, Murilo quis dar certa ordem ao caos dos contextos em que viveu, e a Poesia era sua parceria constante.

Lógica, criatividade e preocupação em construir um novo mundo são insinuações que podem ser encontradas em seus poemas. Murilo está em sintonia com grande parcela da humanidade, a parte esperançosa que nutre a ideia de que um dia a paz ainda virá.

De fato, a Poesia não tem a “Verdade” como objeto; ela tem apenas a si mesma...e parece que é melhor que seja assim.

Para mim, a Poesia é um jogo bem melhor que vídeo *game*. (...) Além do mais, vem sem instruções. Ou tutoriais – ...rs-rsrs.

Por falar nisso, eu vou ali, ver meu filho jogar “mincraft” no “x-box” one.

Um abraço,  
Eron

## DIA 20

---

Colegas,  
Bom dia.

Levantei-me cedo da cama hoje. Fiz meu café e me sentei. Estava indisposto. Queria apenas ficar calado e sentir um pouco a vida. Respirar. Não me pergunte o porquê. Nós seres humanos somos assim. Ou não?

Acho que tive um pesadelo ontem, à noite.

(...)

A Poesia se perde nas profundezas humanas, na verdade, nas profundezas da história – desde quando surgiu a linguagem. Todas as culturas produzem dois tipos de linguagem: uma é racional, que é prática e técnica; e outra, simbólica, que também é mítica e mágica.

Essas palavras são de Edgar Morin.

Pelo que entendi, enquanto uma linguagem denota, define e apoia-se sobre uma determinada lógica racional, a outra se utiliza de metáforas, de símbolos. Uma se quer verdadeira, sonhadora, nascida na infância e, portanto, natural;

a outra, superficial, fingida, ardilosa e, portanto, regida por leis pré-estabelecidas.

A criança, a dança, o canto e o culto, por exemplo, estão de um lado; do outro, estão os discursos, as aparências e os gestos públicos.

(...)

O mundo em que vivemos talvez seja um mundo das aparências, ou seja, como a espuma de uma realidade mais profunda ou de um lugar outro, que escapa ao tempo e ao espaço – que escapa a nossos sentidos e nossos entendimentos.

De novo, são palavras de Edgar Morin. Segundo ele, o homem habita, simultaneamente, poética e prosaicamente; é bom dizer.

Mas os poetas...Vamos tomar como exemplo um deles.

(...)

Augusto dos Anjos era paraibano e pertencia a uma família de proprietários de engenhos. Formou-se em Direito e foi professor de literatura. Também, morou no Rio de Janeiro e lecionou no Colégio Pedro II. Dono de uma linguagem científica, Augusto dos Anjos era considerado um pessimista.

Talvez, porque ele tenha vivido na virada do século XX – viradas de séculos trazem sempre muitos questionamentos... O que se sabe é que ele vivia tomado por incertezas e por distúrbios pessoais. (...) Parece que ele sabia que vivia a iminência de uma Guerra Mundial.

O poema mais conhecido de Augusto dos Anjos é, sem dúvida, “Psicologia de um vencido”. Mas não é esse poema que quero destacar.

Hoje, quero partilhar um outro poema dele, porque quero enfatizar o poder de reflexão da Poesia. Sim, a Poesia nos faz pensar e refletir sobre o mundo e sobre nós mesmos.

O poema a seguir está no seu livro “Eu e outras Poesias”<sup>26</sup>, sob o título de “O morcego”.

Vamos ler.

*Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.  
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:  
Na bruta ardência orgânica da sede,  
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.*

*“Vou mandar levantar outra parede”...  
Digo. Ergo-me a treme. Fecho o ferrolho*

---

26 Anjos (1965).

*E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,  
Circularmente sobre a minha rede!*

*Pego de um pau. Esforços faço. Chego  
A tocá-lo. Minh 'alma se concentra.  
Que ventre produziu tão feio parto?!*

*A Consciência humana é este morcego!  
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra  
Imperceptivelmente em nosso quarto.*

(...)

Sem palavras. Importante tomar um pouco de ar fresco  
agora... E pensar...

(...)

Parece que a luz da Poesia não é apenas uma luz direta,  
mas também refletida. Enquanto ela nos mostra o objeto,  
lança um brilho cintilante ao seu redor e comunica algo de  
especial à imaginação...e faz uma revelação.

E dos recantos mais íntimos do pensamento, ela penetra  
todo o nosso ser.

Como um relâmpago.

(...)

É que a Poesia coloca uma força de vida e de movimento no universo – de um modo especial, muito diferente. Ela descreve o que é fluxo e não o que é fixo. Não há limites para os sentidos na Poesia.

Poesia é o que há de excesso e que não se vê, é aquilo que está para além da impressão real, da impressão comum de qualquer coisa.

(...)

Decidi: vou dormir esta noite com a luz acesa.

Nos encontramos amanhã.

Um abraço,  
Eron

## DIA 21

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Pensando no que falei ontem, encontrei uma citação e fiz questão de compartilhar com você. Eu a transcrevo a seguir com alguma adaptação – porque originalmente ela é em inglês.

*O poder mágico da Poesia é sua capacidade de sustentar múltiplos níveis de significado, de ser ao mesmo tempo literalmente o que parece ser e, também, por causa do poder da sugestão, em um nível figurativo”*

Foi Emily Dickinson quem disse isso.

Emily entendia que a Poesia é sempre uma forma de comunicação na qual as palavras nunca são equivalentes à experiência ou à percepção. As palavras como palavras têm uma vida como sons, como imagens, como meio de gerar uma série de associações, como se tivessem vida própria.

Palavras com pernas e braços e ossos.

Emily nasceu na casa de seus avós. De uma família rica

nos Estados Unidos, ela foi educada de maneira plena, com direito a todos os ensinamentos formais possíveis para a época. Ela tinha uma irmã. As duas nunca se casaram.

Emily nunca quis declarar a sua fé à igreja e abandonou um seminário que cursava só para mulheres.

A sua Poesia fala sobre tudo: trivialidades, vida doméstica, vestimenta e natureza.

Quando escrevia, Emily também gostava de dar vida às coisas. Escrevia sobre e para os animais. Ela era muito introspectiva – como a maioria dos poetas.

Em um dos seus poemas,<sup>27</sup> ela escreveu o seguinte:

*Esta, minha carta para o mundo  
Que nunca escreveu para mim –  
Simples novas que a natureza  
Contou com terna beleza.  
Sua mensagem, eu a confio  
A mãos que nunca vou ver  
Por causa dela – gente minha –  
Julgai-me como quiser.*

---

27 Disponível em: [http://www.lettras.ufmg.br/padrao\\_cms/documentos/eventos/vivavoz/Esta%20%C3%A9%20minha%20carta%20ao%20mundo\\_29nov2018.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/Esta%20%C3%A9%20minha%20carta%20ao%20mundo_29nov2018.pdf). Acesso em: 22 maio 2023.

(...)

Esse poema ela chamou de “Carta”. Ela estava escrevendo para o mundo. Parece que o mundo é o principal interlocutor do poeta.

Senti algo poético no texto. Talvez, exatamente o fato de alguém querer dizer alguma coisa para o mundo – o que é, naturalmente, impensável do ponto de vista de um homem comum.

O mundo nos ouve?

Bem, estamos falando de poetas. Para eles, as coisas não são vistas e reconhecidas da mesma forma.

Para muitos, Emily Dickinson foi a maior “poeta” americana.

Falando em Emily, eu me lembrei de outra poeta brasileira.

(...)

Conceição Evaristo é professora de literatura em Minas Gerais. Nascida na periferia de Belo Horizonte, mudou-se para o Rio de Janeiro onde se formou em Letras. Suas primeiras publicações dão conta do ano de 1944 quando publicou “Cadernos Negros”.

Em 2006, Conceição Evaristo publicou “Becos da Memória” e depois nunca mais parou de escrever.

Os textos de Conceição Evaristo exploram a memória, a condição do negro e da mulher, da luta e da resistência como forma de luta. É inegável a forma de sua escrita e de sua percepção.

O poema que vamos compartilhar a seguir está inscrito em seu livro “Poemas da recordação e outros movimentos”, publicado em 2008, e se chama “Da calma e do silêncio”.

O poeta usa as palavras buscando extrapolar os limites e dizer – como se quisesse traduzir suas lutas e os mundos submersos que existem, escondidos – que somente podem ser encontrados dentro das palavras.

Pois bem. Vamos ao poema.

*Quando eu morder  
A palavra  
por favor,  
não me apressem,  
quero mascar,  
rasgar entre os dentes,  
a pele, os ossos, o tutano  
do verbo,  
para assim versejar  
o âmago das coisas.*

*Quando meu olhar  
se perder no nada,  
por favor,  
não me despertem,  
quero reter,  
no adentro da íris,  
a menor sombra,  
do ínfimo movimento.*

*Quando meus pés  
abrandarem na marcha,  
por favor,  
não me forcem.  
Caminhar para quê?  
Deixem-me quedar,  
Deixem-me quieta,  
na aparente inércia.  
Nem todo viandante  
anda estradas,  
há mundos submersos,  
que só o silêncio  
da poesia penetra.*

*(...)*

E como um mar que vagueia onduloso sobre seus pensamentos, a sua brava memória vai lançando o leme sobre os seus textos e escritos – como ela mesma disse em outro

poema, por mim, aqui, parafraseado.

A escrita de Conceição é fruto de suas vivências, podemos dizer. E que força tem a Poesia desses autores.

Não sem sentido, Alfredo Bosi dizia que a Poesia era a forma mais densa e intensa da expressão verbal – e ela expressa os sentimentos mais profundos do ser humano, é importante destacar.

Sim, a Poesia exprime a subjetividade mais radical do ser humano. E tudo pode ser encontrado nas palavras

Intrigante, não é?

Não sei como seria o mundo sem Conceição Evaristo e sem Emily Dickinson.

Um abraço,  
Eron

## DIA 22

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Espero que todos estejam bem.

Dia bonito hoje. (...) Todos os dias são bonitos e muitas vezes indescritíveis. Tudo depende, entretanto, do que fazemos com ele. Qual será o resultado de cada uma de nossas experiências neste dia?

(...)

Há quem diga que a definição das coisas que encontramos em dicionários parece suficiente. E eu acho que é mesmo – em certo sentido. Em geral, as definições são descritivas e extremamente objetivas.

Existe, ainda hoje, a ideia de que os métodos de medição desenvolvidos pelas ciências físicas devem ser aplicados a todos os processos humanos. É que ainda persiste a crença de que uma definição de dicionário é uma descrição satisfatória de uma ideia ou de uma experiência; e que é, portanto, suficiente.

Mas há, também, quem conteste definições de dicionário – talvez porque elas correm o risco de ser limitadas.

(...)

John Ciardi fez considerações em um de seus famosos textos a respeito das tais forças que existem nas definições. Ele tomou em consideração uma passagem de “Hard Times”, de um livro de Charles Dickens.

A palavra usada na sua reflexão, como exemplo, foi “cavalo” – “horse”, em inglês. No texto de Dickens, a definição exposta oferecida por um de seus personagens – aqui transcrita em português – é a seguinte: “Quadrúpede. Gramnívoro. Quarenta dentes, ou seja, vinte e quatro moedores, quatro dentes e doze incisivos. (...) Os cascos são duros, mas precisam ser calçados com ferro. Idade conhecida por marcas na boca”.

Bem, desse ponto em diante, John Ciardi questiona essa definição – que ele considera limitada – com uma pergunta: “e o que dizer, por exemplo, da experiência que se tem com esse animal?”

Porque, de acordo com ele, nenhum cavaleiro jamais montou um “quadrúpede gramnívoro”, assim como nenhum apostador jamais apostou em um “quadrúpede gramnívoro”. (...) Do mesmo modo, nenhum escultor jamais sonhou com um

bloco de pedra. Segundo ele, escultores não sonham com pedras.

É para pensar mesmo. (...) E ele continua explicando.

Porque cavaleiros, apostadores e escultores – por exemplo – estão envolvidos em uma relação viva com um animal vivo, e o tipo de relação expressa-se na linguagem que cada um construiu em experiência. Isso mesmo, em experiência.

Assim, um cavaleiro, por exemplo, diria que o seu cavalo tem boas chances de vencer se a pista, principalmente, estiver molhada. Já – qualquer que seja o “quadrúpede gramnívoro” – para um biólogo, a compreensão do animal poderia ser a mesma. Talvez, uma classificação.

Parece que a experiência do homem com o mundo em sua volta é muito relevante aqui – e não cabe em definições de dicionários.

John Ciardi era americano. Foi poeta e tradutor – traduziu a “Divina Comédia”, de Dante. Era apaixonado pela leitura e escreveu vários poemas para crianças. Queria que a Poesia fosse parte da vida das pessoas.

Para ele, o ponto é que a linguagem da experiência não é uma linguagem de classificação. Um garoto ardente de ambição de se tornar um jóquei não estuda um texto sobre

zoologia para entender de cavalos. (...) Ele os observa e ouve o que é dito por aqueles que passaram a vida em torno deles.

Então, o garoto monta-o, treina-o, alimenta-o, como um animal de estimação. O garoto o reconhece como algo além de “quadrúpede gramnívoro”.

Bom isso, não é?

Assim, os seus sentimentos são bem intensos em relação ao animal. E ele, por exemplo, pode nunca aprender quantos dentes incisivos um cavalo possui, nem quantos metros de intestino ele tem. (...) Ele, de fato, está pensando, em um certo sentido, em como o animal reage a cada um de seus movimentos.

Isso a zoologia não pode dar.

(...)

Cora Coralina nasceu em Goiás. Era exímia fazedora de bolos e de doces. Seu nome de batismo era Ana Lins dos Guimarães.

Cora Coralina é considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras. Publicou seus primeiros textos depois dos 70 anos de idade e teve seu primeiro livro publicado em 1965 – um livro de Poemas.

Da palavra coração veio o apelido “Cora”.

Cora Coralina escreveu seus primeiros versos ainda na adolescência. Tem um poema dela, que eu vou compartilhar com você, que eu adoro. Ela chama o poema de “Aninha e suas pedras” – uma referência direta ao seu próprio nome.

Certamente, no poema<sup>28</sup>, estão embutidas muitas de suas experiências quando criança. Compartilho trechos dele com você.

*Não te deixes destruir...  
Ajuntando novas pedras  
e construindo novos poemas.  
Recria tua vida, sempre, sempre.  
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.  
Recomeça.*

(...)

*Esta fonte é para uso de todos os sedentos.  
Toma a tua parte.  
Vem a estas páginas  
e não entres seu uso  
aos que têm sede.*

---

28 Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/aninha-e-suas-pedras-poema-de-cora-coralina>. Acesso em: 22 maio 2023.

Assim são os poemas... Fonte para quem tem sede, fonte para recomeços.

(...)

A Poesia vai além da definição e pousa na experiência, naquilo que faz sentido.

A Poesia está além de definições.

A Poesia não é receita de bolo. Cora Coralina também entendia de receitas.

(...)

Pensando nisso, vou ali comer um bolo de macaxeira feito por minha sogra, que se chama Ana Magnólia. Só ela sabe o segredo dele. É de macaxeira, mas é diferente, único. Diferente de todos os outros bolos de macaxeira. Nunca comi igual.

Aprendeu a fazê-lo com a mãe dela, ainda quando era adolescente. (...) Experiência passada de mãe para filha.

E-x-p-e-r-i-ê-n-c-i-a.

Ah, percebeu que o nome da minha sogra também é Ana?

Ana, como Cora Coralina.

Um viva às “Anas”.

Um abraço,  
Eron

## DIA 23

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Que a Poesia é um cantar, todos sabemos. (...) Porque ela diz combinando as palavras de tal modo que, muitas vezes, gera um ritmo singular. Só é preciso saber ler para perceber isso.

Belchior fez isso em suas Poesias.

(...)

Antônio Carlos Belchior, era de Sobral, Estado do Ceará. Ele se destacou como cantor, mas era, de fato, poeta. Um ser humano daqueles que parece que foi agraciado com habilidades incomuns. Belchior também era artista plástico.

Fez sucesso internacional.

O poeta, muitas vezes, destaca-se por colocar em seus poemas contradições e explorar sentidos que, muitas vezes, não estão facilmente à vista. Belchior era assim. (...) Além disso, ele dava brilho ao que era velho e o tornava novo, renovando especialmente, os sentidos.

(...) Porque os poetas lidam com coisas que estão na alma da gente.

Em um de seus poemas – “A Palo Seco”<sup>29</sup> –, Belchior parece querer que sintamos na pele – ou na carne, como ele mesmo diz –, a partir da organização de suas palavras, os efeitos e a força de seus versos.

O poema a seguir não está completo, mas o trecho em destaque justifica o parágrafo anterior.

Diz o poeta,

(...)

*E eu quero é que esse canto torto*

*Feito faca, corte a carne de vocês*

*E eu quero é que esse canto torto*

*Feito faca, corte a carne de vocês*

(...)

Perceba a força da letra “r”, da sibilante “s” e da fricativa “f” no texto – esse também é um poema sonoro. Suas combinações aliadas à repetição do verso dão plasticidade e movimento à cena.

---

29 Disponível em: <https://unifor.br/web/bibliotecaunifor/o-canto-torto-de-belchior-conheca-4-musicas-do-artista-com-referencias-literarias>. Acesso em: 22 maio 2023.

Dá quase para sentir um movimento da faca em nossa mente.

(...)

Fernando Antônio Nogueira Pessoa era português. Ele escreveu seus textos em uma época em que apenas cinco por cento da população portuguesa sabia ler. Angustiante. Talvez, por isso, ele escreveu muito em inglês.

Ele tinha diversos heterônimos. Ficaremos, entretanto, com aquele que lhe deu seu nome de batismo: Fernando Pessoa.

Como todo poeta, Fernando Pessoa era inconformado com as reclusões da vida ordinária. Talvez, por isso inventava suas fugas – que depois pareciam se esvaziar – em seus poemas.

É no centro de seu ego que o poeta parece concentrar as forças da vida, em uma síntese sempre muito dinâmica.

Um fato engraçado era que Fernando Pessoa sempre quis se livrar dele mesmo. Não sabia ele que o que tinha dentro de si também era o que habitava em muitos que, depois, leriam seus poemas.

Pessoa era filho de funcionário público e diz que sentia a vida com a imaginação.

Já pensou? Isso é, no mínimo, intrigante.

O trecho que compartilho a seguir é parte de um poema maior chamado de “Isto”. Nele, o poeta diz que não usa o coração para escrever.

Eis o poema.

(...)

*Dizem que finjo ou minto*

*Tudo que escrevo. Não.*

*Eu simplesmente sinto*

*Com a imaginação.*

(...)

Parece que o que há de mistério nesta vida se aproxima com leveza do poeta. Chega tão perto que ele o traduz em palavras e com tamanha liquidez – como se aquilo pertencesse a ele.

(...)

Para muitos poetas, a palavra é o que lhes resta. Em sua maioria, os poetas se realizam ao realizarem seus textos.

Se são felizes ou tristes, não sei ao certo. Sei que são poetas.

Os poetas sentem, definitivamente, a vida de um modo diferente.

Ah, um momento. Achei outra coisa de Pessoa. Que coisa. Contagiante.

*Não sou nada,*

*Nunca serei nada,*

*Não posso querer ser nada.*

*À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.*

O nome desse poema é “Tabacaria”. Esse trecho que transcrevi é somente a primeira estrofe.

Ah, vou ali ler mais alguns poemas de Fernando Pessoa...

...e sentir como ele imaginava a vida.

Um abraço,

Eron

## DIA 24

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Vou tentar dizer alguma coisa que li esses dias, mas não sei se serei capaz de me fazer compreender. Falar sobre Poesia é sempre um desafio.

(...)

Quando um dia Erich Fromm foi arguido sobre qual seria, então, o papel do poeta, ele respondeu oferecendo outra pergunta. Ele indagou: como é possível explicar a diferença entre o sabor do vinho branco e o vinho tinto?

Para algumas pessoas, isso parece ser simples, para outras, entretanto, bem difícil. Em todo caso, parece que uma boa maneira para resolver esse problema – e para toda e qualquer pessoa – é provando os dois vinhos.

Assim, sentimos, e logo sabemos, a diferença.

Mas, por que não deveria ser difícil explicar isso em palavras para uma pessoa?

(...)

Erich Fromm foi psicanalista, filósofo e sociólogo alemão. Foi um pensador importante e deu muitas contribuições no campo da religião e do humanismo. Escreveu “A arte de Amar”, entre outros vários livros.

Ele escreveu sobre Cultura e as necessidades básicas dos seres humanos. Nisso, ele incluiu a literatura. (...) Erich era de ascendência judia.

De fato, não é difícil encontrar palavras para explicar uma máquina, um automóvel, por exemplo. No entanto, palavras parecem inúteis para descrever uma experiência simples de sabor, como a diferença entre um vinho e outro.

(...)

Fato é que, na medida em que o tempo passa, descobrimos que a melhor Poesia é aquela que evoca sugestões que agradam e satisfazem, mas que não se podem esgotar na dureza do intelecto.

(...)

Ernst Cassirer, filósofo polonês, foi reitor da Universidade de Hamburgo, na Alemanha, e também era de origem judia. Estudou filosofia e literatura e direito. Estudava, também, as palavras e os mitos.

Segundo ele, as palavras são sinais de ideias consideradas necessárias para a cognição e para as representações subjetivas. Sobre elas, ele dizia que, quando procuramos acompanhar a linguagem desde o início, elas parecem não ser apenas um sinal representativo de ideias mas também um sinal emocional de impulsos e de estímulos sensoriais.

Para ele, as comunidades mais antigas conheciam essa derivação da linguagem a partir da emoção, especialmente, a partir da sensação de dor e de prazer.

Sobre essa ideia de sentir – relacionadas às palavras –, escolhi um poema de uma brasileira para ilustrar o que temos dito e lido nos parágrafos acima. O nome do poema é “Saudade” e a autora é Gilka Machado.

Escolhi um trechinho do poema para compartilhar aqui<sup>30</sup>.

*De quem é esta saudade  
Que meus silêncios invade,  
Que de tão longe me vem?*

*De quem é esta saudade,  
De quem?  
(...)*

---

30 Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/3651/saudades>. Acesso em: 22 maio 2023.

Pois é. De quem? Também me pergunto.

Gilka Machado viveu em uma época em que as mulheres se limitavam às atividades domésticas. Ela “pensava um mundo” maior que o dela. Gilka foi um ponto fora da curva para o seu tempo.

Gilka expôs, com muita força e intensidade, o que havia de preso no interior das mulheres. Há, em sua Poesia, críticas duras ao seu tempo e um apelo à conscientização sobre a posição da mulher na sociedade.

Sobre o que se passa na vida, parece que a experiência lhe é uma aliada que ela carrega sempre ao seu lado e que sempre lhe faz sensível a detalhes que, muitas vezes, podem escapar em meio ao cotidiano.

No poema acima, ela sente que algo lhe invade e que são silêncios que vêm de longe, muito longe. (...) A isso ela chama de saudade. Ou seria “saudades”.

Mas, silêncios? Vazios? Saudades são silêncios e vazios?

Passei o dia pensativo...

Fiquei contemplando os vazios dentro de mim e com pouco de esforço pude saber que sinto saudade também, saudades de pessoas. Mas, não sei dizer, exatamente, com palavras,

como eu sinto.

Mas sei que a saudade invade mesmo. (...) Sim, vazios porque não posso tocá-la, porém posso senti-la.

Um abraço,

Eron

## DIA 25

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Acordei hoje com o barulho da chuva na janela do quarto. Levantei lentamente e fui apreciar a beleza inequívoca desse fenômeno.

Água... Que molha a terra, que lava o mundo e que mata a sede de todos os viventes.

E continua a chover.

(...)

Por falar em água, vi em uma citação que a Poesia era como uma ilha cercada por palavras por todos os lados. Fiquei pensativo.

Uma ilha sugere a necessidade de sobrevivência, de vencer certos obstáculos difíceis de transpor – ela é cercada por um mar. Pensei no poeta envolto em um “mar de palavras”.

Porque são elas que eles ousam para transpor a dura realidade de uma ilha, digo, do mundo.

(...)

Cassiano Ricardo, autor da citação, era carioca. Foi jornalista e membro da Academia Brasileira de Letras. Também morou em Paris.

Cassiano Ricardo escrevia sobre temas cotidianos. Em muitos de seus poemas, ele utilizava todos os espaços da página para dizer o queria. Seu primeiro livro lançado, quando ele tinha 20 anos, foi “Dentro da noite”.

Outro livro que ele publicou foi “Martin Cerêrê”, publicado em 1950. Dele retiro o poema “Lua Cheia”, que transcrevo a seguir.

*Boião de leite  
que a noite leva  
com mãos de treva  
pra não sei quem beber*

*E que, embora levado  
muito devagarzinho  
vai derramando pingos brancos  
pelo caminho.*

E segue a lua, derramando pingos brancos pelo caminho...

Coisas de poeta.

(...)

Coleridge era filho de pastor protestante. Lia em hebraico trechos da bíblia durante o culto em que seu pai pregava. Também sabia grego. (...) Coleridge acreditava que um dever dos cristãos era ler jornais.

Samuel Taylor Coleridge nasceu na Inglaterra. Ele tinha um irmão e uma irmã. Como filho mais novo, ele era constantemente perseguido por seu irmão mais velho e frequentemente se escondia na biblioteca de seu pai. Foi lá que começou a gostar de ler.

Ah, Bibliotecas...

A vida de Coleridge foi um conjunto de fracassos, de frustrações e de promessas não cumpridas.

Coleridge foi o centro de um círculo brilhante de artistas, em todo caso: os chamados “lake poets” – porque todos eles viviam nas imediações de um lago. Ele era considerado um mestre. Seus melhores amigos julgavam-se inferiores a ele.

Coleridge escreveu poucos poemas. Um dos seus mais famosos poemas é “Kubla Khan”. Ele deixou alguns textos em prosa também, sendo o mais conhecido “Biografia literária”.

Dentre os seus poemas mais conhecidos está “A balada do velho Marinheiro”.

O poema relata eventos sobrenaturais vividos por um marinheiro em pleno mar. No texto, o marinheiro começa a contar uma história para um homem que está a caminho de uma cerimônia de casamento.

O homem demora-se diante da fascinação do desenrolar da história. (...) Você deve imaginar o tempo que ele ficou ali, ouvindo as histórias.

Um detalhe sobre esse poema é que Coleridge nunca antes havia visto o mar. Entretanto, segundo Jorge Luís Borges, o mar de sua imaginação era mais vasto do que o mar da realidade. Lindo!

Um mar ampliado.

Com que olhos o poeta vê o mundo?

Então, como água, o desdobramento da Poesia é o seu próprio percurso – para onde o poema nos leva não se sabe. Por isso, a Poesia é movimento.

(...)

Continua chovendo lá fora. Vou ver aqui para onde a água

da chuva está indo – enquanto minhas palavras ganham  
lugar em seu coração e em sua mente.

Um abraço,  
Eron

## DIA 26

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Gosto de futebol.

Quando nada acontece, ligo a televisão e passo algum tempo assistindo aos movimentos improváveis do jogo.

Todo e cada lance em uma partida de futebol é imprevisível. É verdade que treinos e combinações algumas vezes quebram esse improviso.

Jogadores também produzem, muitas vezes, pelas suas singularidades, verdadeiras obras de arte.

Nós sabemos que o futebol é uma paixão para os brasileiros. Ah, e para os argentinos também.

Digo isso porque, hoje, eu vou falar de dois homens das letras – da Poesia. Duas figuras bem conhecidas. O detalhe é que um é brasileiro e o outro é argentino.

Adianto que, diferente do que há no futebol, não há aqui qualquer rivalidade entre os dois.

Comecemos pelo argentino.

(...)

Jorge Luís Borges nasceu na Argentina, em 1898. Era escritor e tradutor. Borges foi diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires.

Como professor de Literatura, Borges disse que o que mais fez foi ter ensinado seus alunos o amor a certos autores, a certas páginas e a certas linhas.

A gente se enamora por uma linha, depois por uma página e depois por um autor, ele dizia.

Em um de seus textos, Borges compartilhou que havia ficado feliz um dia quando um desconhecido o parou na rua para agradecê-lo porque o havia feito conhecer Robert Louis Stevenson. (...) Era como se sua missão estivesse sendo cumprida.

Com o passar do tempo e com a perda lenta de sua visão, Borges sentia que as palavras soavam, cada vez mais, com uma estranha beleza.

Para Borges, dos diversos instrumentos utilizados pelo homem, o mais espetacular era – ou é –, sem dúvida, o livro. Para ele, a biblioteca era uma espécie de caverna mágica.

Borges dizia que nunca se terminava de aprender a ler.

Segundo o argentino, a Poesia não era um simples meio de comunicação, mas uma paixão que dava uma espécie de prazer. Borges gostava de, literalmente, desfrutar da Poesia.

Poesia como uma fruta gostosa...

(...)

José Oswald de Sousa Andrade nasceu em São Paulo. Formou-se em Direito. Foi uma figura fundamental nos primeiros acontecimentos da vida cultural brasileira da primeira metade do século XX.

Oswald foi idealizador de muitos manifestos nessa época – como o movimento Antropofágico de 1928.

De suas viagens à Europa, trouxe muitas ideias vanguardistas, entre elas a do futurismo.

Oswald defendia um nacionalismo que buscava suas origens sem perder a visão crítica da realidade brasileira. Em seus textos, é possível encontrar, facilmente, críticas à sociedade burguesa.

Além de Poesia, escreveu textos e romances, “Memórias sentimentais de João Miramar” é um deles.

Oswald escreveu Poesia de modo original, fugindo aos modelos da época. Achava sentido em uma linguagem simples e informal, incorporando nela uma linguagem cotidiana.

Ele combatia a influência estrangeira no Brasil e queria destacar uma língua “brasileira”.

O poema a seguir é de Mário. De alguma maneira, ele diz o que é a Poesia. O título do poema é “03 de maio”<sup>31</sup>.

*Aprendi com meu filho de dez anos  
que a poesia é a descoberta  
das coisas que nunca vi.*

É isso.

(...)

Agora vou ali, porque meu filho está me chamando. Ele deve ter novidades para me dizer.

Ele vai completar onze anos no ano que vem.

Um abraço,  
Eron

---

31 Disponível em: <https://recantodopoeta.com/3-de-maio>. Acesso em: 22 maio 2023.

## DIA 27

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Mais um dia, e eu me preparando para colocar no papel inflexões a respeito da Poesia.

Sempre acreditei que o ser humano é sempre maior do que ele pensa. A Poesia me ajuda a entender isso.

(...)

Edgar Allan Poe era americano – nasceu em Massachussetts. Allan Poe foi um dos primeiros escritores de contos nos Estados Unidos. Também foi poeta. O seu poema mais conhecido é “O Corvo” – “The Raven”.

Poe teve uma vida financeiramente complicada. Queria viver das letras, isto é, de seus próprios escritos. Tornou-se crítico literário e criou revistas.

Polêmico, foi Allan Poe quem inspirou os romances policiais de hoje.

Em um de seus textos, ele fala sobre um tal “Princípio Poético”.

Para ele, os poemas grandes demais não tinham os mesmos efeitos dos pequenos. Ele até desconfiava que fossem poemas.

Allan Poe sempre preferiu os poemas curtos.

Para ele, a extensão do poema podia ser cansativa e tornar seus efeitos cansativos, também. A isso ele chama, como algo necessário para um poema, de excitação.

Acho que ele estava falando sobre “Arrebatamento Estético”. Então, é exatamente esse “grau de excitação” que faz do poema um “poema”.

Porque todas as emoções são, por necessidade psíquica, transitórias.

Porque uma composição de grande extensão pode colocar em jogo o sentido dessa emoção e, portanto, sinalizar para uma falha em seus efeitos, comprometendo a natureza do poema – dizia Poe.

Para Poe, o valor do poema sempre estará sempre na proporção da sugestividade que dele é emitida e de o quanto ele consegue “quebrar o hábito” de quem o lê, isto é, do quanto a ideia compartilhada pelo poema é nova.

Para ele, a ideia em um poema era tudo.

(...)

Eunice de Carvalho Arruda nasceu em São Paulo. Ela escreveu, entre outros livros de Poesia, “É Tempo de Noite” – o seu livro de estreia.

Eunice Arruda, como é mais conhecida, está presente em várias antologias de poetas. Palestrante de Poesia e literatura, gostava de escrever poemas curtos.

Sua Poesia é sintética e longe de sentimentalismos – completamente “existência”, muito embora sua Poesia não deixe de ver – e de dizer – o que há de caótico no mundo. Em todo caso, ela ainda descobre nele, nesse mundo, o que há de mais belo.

Sua Poesia é uma resistência à vida.

Em seus poemas destacam-se a objetividade e a suavidade da combinação das palavras. Seus textos traduzem a sinceridade que existe em todos os poetas.

Eunice era formada em Serviço Social.

O poema a seguir é intitulado “Ampliação”, do livro “As coisas efêmeras”, publicado em 1963.

*Construo o poema*

*Peda-*

*ço por*

*pedaço*

*Construo um*

*pedaço*

*de mim*

*em cada poema*

Para Eunice, um poema era feito de pedaços.

Embora ela construa o poema pedaço por pedaço, sempre que leio esse poema, eu tenho a sensação de que esse poema é uma parte dela.

Assim, se os olhos do poeta devem estar firmemente fixados em seu assunto, os olhos de quem lê devem estar firmemente fixados na forma do poema como um todo – em cada detalhe dele e na síntese de todas as partes.

Parece que o primeiro dever de quem lê é ver os detalhes – e certamente com eles, o todo – como efeito. Acho que já falamos disso aqui antes.

Eunice é poeta e vê o mundo com olhos de leitora atenta.

(...)

Sim, Eunice sempre escreveu poemas curtos – de fato, “poemas”, como diria Poe.

Particularmente, e talvez pela mesma justificativa partilhada por Allan Poe, eu também gosto mais de poemas curtos. E eu nem sabia o porquê.

Um abraço,  
Eron

## DIA 28

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Acordei hoje com a ideia de que na Poesia parece que o que conta mais é a experiência do “fazer” o poema. Parece que é a experiência que nos induz a um método – e não o contrário.

As leis da Poesia estão todas submissas à experiência. Não há fórmulas *a priori*. É como penso.

Uma vez que aprendemos a “experimentar o poema como poema”, chegamos à sensação de que também estamos experimentando a nós mesmos como seres humanos.

A Poesia tem dessas coisas.

(...)

A Poesia é o pensamento expresso em ritmo. (...) A Poesia incorpora imagens e ideias que também podem ser encontradas na prosa, mas a Poesia começa com um movimento rítmico – e isso é vital.

Louis Simpson escreveu sobre isso.

Louis Simpson nasceu na Jamaica. Era poeta e professor. Seu pai era de ascendência escocesa e sua mãe nasceu na Rússia.

Simpson veio morar nos Estados Unidos aos 17 anos de idade. Lutou na Segunda Guerra Mundial. Simpson escreveu sobre essa experiência de lutar em uma guerra mundial.

Quando voltou da guerra, ele trabalhou como editor em Nova York.

Segundo ele, o ritmo na Poesia é o modo como a personalidade do poeta aparece no corpo do poema. Essa é uma importante diferença entre a Poesia e a Prosa – porque há ritmos na Prosa, mas eles não fazem parte de sua essência do que está escrito.

Diferente do poema.

Num poema o ritmo pode ser entendido, então, com um traço do poeta.

Ele continua.

Para ele, uma linha de Poesia é como os passos de uma dança: as palavras têm posições definidas e há sempre um

tempo e um espaço exclusivo para cada uma das palavras. Não é possível mudá-las de lugar.

Em cada passo, uma palavra... Tan-tan, tan-tan...

O ritmo do poema também pode gerar um efeito estético em quem o lê. (...) Talvez, por isso, enquanto os escritores de prosa pensam em frases, os poetas pensam em linhas.

(...)

Poetas também usam metáforas. Sim, os poetas também pensam em nossos sentidos e criam imagens mentais.

Poetas apelam para os nossos sentidos. (...) De modo que o poeta não fala meramente sobre as coisas, ele nos faz senti-las, eles nos fazem vê-las.

Isso deve acontecer sempre que experimentamos o seu pensamento, isto é, o seu poema. (...) O poeta quer apenas comunicar suas ideias, isto é, tudo o que ele quer é “dizer”.

Sobre uma metáfora, Aristóteles dizia que ela é a única coisa que não pode ser aprendida dos outros. O uso das metáforas também é um sinal de genialidade.

Poetas são mestres em uso de metáforas.

Todos sabemos que, em uma metáfora, o poeta compara

um objeto a outro falando dele como se fosse esse outro – transferindo qualidades e características de um para o outro.

Não é difícil de entender.

Vamos ver como isso funciona em uma ilustração.

*Poesia*

*minha única escadaria*

*meu único corrimão.*

(...)

Não é difícil ver no exemplo acima que “escadaria” pode estar, na passagem acima, como uma espécie de “desafio”, assim como “corrimão” pode existir no texto para apontar para um “apoio”.

Desse modo, a própria Poesia em destaque no texto toma emprestado dos termos “escadaria” e “corrimão” valores e características que contribuem para a sua própria compreensão.

O poema acima é de Ana Elisa Ribeiro, professora em Minas Gerais e autora de “Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologia digitais na educação”, livro publicado em 2018. O poema citado se encontra nesse livro.

Ana também escreveu vários outros textos.

(...)

De fato, uma metáfora nos faz experimentar o pensamento como percepção sensorial e entendê-lo quase que objetivamente – como um salto sobre muitas explicações.

Uma metáfora parece unificar tudo, em especial a nossa experiência.

E assim, a Poesia vai nos ajudando a entender o mundo e a ver significados nas coisas.

(...)

A sensação que eu tenho todas as vezes que leio um poema é que a Poesia tem o poder de lidar com as coisas de modo a despertar em nós um sentido maravilhosamente completo e, principalmente, novo.

E Você?

Você já teve essa sensação ao ler um poema?

Um abraço,  
Eron

## DIA 29

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Li esta citação em uma enciclopédia sobre Poesia: “Se a poesia é sobre prazer, a moralidade parece ser o seu oposto”.

Pois, então.

De fato, a moralidade em seu sentido tradicional é o estudo de como viver de maneira mais plena e agradável.

A palavra “moral” no presente contexto refere-se a uma visão qualitativa ou avaliativa de conduta e experiência humanas.

A moralidade é detentora de uma linguagem que a domina. Nisso, pode-se incluir termos como “bom” e “ruim”, “certo” e “errado”, “bonito” e “feio”.

... Porque a moralidade tem a ver com julgamentos e os moralistas estão interessados nos valores que informam as suas decisões – as quais eles estão destinados a servir.

Bom, há aqueles que acreditam que há um moralista em

cada ser humano. E há os artistas.

Está ficando polêmico, parece. Não quero entrar em mais detalhes. Quero apenas que pensem a esse respeito.

Mas, no destaque do primeiro parágrafo destas linhas, uma verdade foi dita: a Poesia parece estar do lado oposto do que é “moral”.

Esse é o ponto.

Precisamos dos poetas para ver e sentir melhor o mundo e suas relações.

(...)

Alguns poetas não dependem de modas nem de escolas – porque tudo isso passa, mas os poetas sempre ficam. Esse é o caso de Vinicius.

(...)

Marcus Vinício da Cruz de Mello Moraes nasceu no Rio de Janeiro. Foi poeta, diplomata e jornalista.

Como poeta, os escritos de Vinicius de Moraes – como ele é conhecido – parece não fazer distinção quanto à forma tradicional da Poesia.

Ele, por exemplo, não se preocupa com rimas, apesar de ser mestre em sonetos.

Os sonetos escritos por ele apresentam uma obediência métrica que não fica a desejar a nenhum poeta clássico.

Tudo em Vinícius é poético.

Vinicius se apegava às coisas simples e a elas dava a gravidade necessária quando expostas em seus poemas.

Vinicius capitalizou um modelo de fala sobre as coisas para transformá-las em um sentimento quase pessoal. Delas, ele criava uma relação extremamente humana e comunicativa.

Segundo Antônio Cândido, Vinicius estabeleceu, por exemplo, uma ligação entre o mar, a cidade e a vida amorosa sem ter que imputar qualquer pudor.

Vinicius escrevia versos curtos. Seus versos são dotados de estruturas totalmente livres. (...) Ele falou do amor com naturalidade e dispensou moralidades.

Vinícius dizia que a vida era a arte do encontro, embora houvesse, em todo caso, tantos desencontros.

Em um de seus poemas destaco os seguintes versos:

*É melhor ser alegre que ser triste  
A alegria é a melhor coisa que existe  
É assim como a luz no coração.*

...E com uma luz no coração, Vinicius gostava de cantar: e cantava a cidade, o amor, a amizade e a vida. (...) Esse poema acima está musicado, inclusive.

Vinicius era, especialmente, músico.

(...)

Ferreira Gullar, nascido em São Luís, no Maranhão, tinha em seu registro de nascimento o nome José Ribamar Ferreira. Foi escritor, poeta e crítico de arte. Também escreveu ensaios.

Mestre nas palavras, Gullar viveu anos fora do Brasil. Moscou, Santiago e Lima foram algumas cidades em que morou. Também morou em Buenos Aires.

Ganhou diversos prêmios de literatura – no Brasil e no exterior.

Talvez o seu poema mais conhecido seja o que é intitulado de “Poema Sujo”.

Como compartilhei um poema de Vinicius que foi musicado, ao invés de destacar o “Poema Sujo”, eu trago um registro

de um poema bem conhecido de Gullar, que talvez você nem soubesse que era dele, e que também foi musicado por um cantor popular brasileiro.

O título deste poema é “Traduzir-se”.

*Uma parte de mim  
É todo mundo  
Outra parte é ninguém:  
Fundo sem fundo.*

*Uma parte de mim  
É multidão  
Outra parte estranheza  
E solidão.*

*Uma parte de mim  
Pesa, pondera  
Outra parte  
Delira*

*Uma parte de mim  
almoça e janta  
outra parte  
se espanta*

*Uma parte de mim  
É permanente:*

*Outra parte  
se sabe  
de repente*

*Uma parte de mim  
é só vertigem  
outra parte,  
linguagem.*

*Traduzir uma parte  
Na outra parte  
– que é uma questão  
De vida e morte –  
Será arte?*

(...)

Sem palavras.

Até parece que o mundo interior do poeta é maior do que o que está do lado de fora.

Talvez, por isso, os poetas não se limitem a ver o mundo pelo lado da moralidade.

Então, eu pergunto: será arte?

(...)

Acho que sim.

Um abraço,  
Eron

## DIA 30

---

Caros colegas,  
Bom dia.

Chegamos ao nosso trigésimo dia de leitura.

Este é o último texto de nossa breve jornada. Fico feliz de você ter me acompanhado.

Espero mesmo que esse tempo dedicado a tais textos sirva como uma pequena porta de entrada para o mundo da Poesia.

De fato, esse foi o entendimento: compartilhar um pouco do que havia lido sobre o assunto, uma vez que ele me fez, muitas vezes, parar e rever dados sobre o mundo – especialmente sobre o que eu pensava sobre ele – e sobre mim mesmo.

Sim, porque o mundo ainda é a nossa casa – pelo menos enquanto estamos aqui.

Então, vamos lá.

(...)

O primeiro objeto de estudo do homem que quer ser poeta é o conhecimento pleno de si. Assim, ele sonda a sua alma, inspeciona-a, experimenta-a, apreende-a.

A reflexão acima foi baseada em textos de Rimbaud – mas parece com as orientações de Rilke.

Jean-Nicolas Arthur Rimbaud era francês. Viveu exatamente naquele período turbulento da revolução em seu país – na segunda metade do século XIX.

Era poeta e teve uma vida conturbada. Mas o que nos interessa é o que ele pensava sobre a Poesia. Isso é que importa.

Então, a partir do conhecimento de si mesmo e da sondagem de sua alma, dizia Rimbaud, o ser humano – que quer ser poeta – deve passar a cultivá-la.

Não é nada simples em todo caso.

Porque há muitas imagens que se ocultam de nossa consciência e, por isso, o exercício é pesado, muitas vezes.

Porque é em nossa alma que residem todas as imagens de amor, de sofrimento, de loucura e de sonho.

Rimbaud estava se referindo a uma espécie de incógnito

que existe em todos nós.

(...)

Há poetas que são psicanalíticos.

(...)

Com isso, Rimbaud insere a vontade no processo criativo. Para ele, o exercício do poeta é voltar-se para o seu inconsciente, um ambiente difícil, mas habitável.

Para Rimbaud, o poeta alcança o controle de seu inconsciente.

Em sua concepção, a Poesia era como os efeitos de uma exploração sistemática do inconsciente, uma espécie de tendência racionalizante daquilo que é irracional.

Oi?

É preciso dizer que, com efeito, mergulhar no inconsciente é construir radicalmente outra concepção de mundo, de beleza. (...) Dizem que com seus textos, Rimbaud preparou o terreno para o que se tem hoje do que se pode conceber como “modernidade”.

(...)

Sim, poetas são psicanalíticos. Os artistas o são.

(...)

É possível pensar a Poesia, então, a partir do que Rimbaud compartilha, como um quase não-lugar, um lapso presente no inconsciente humano. Nesse sentido, há uma linguagem escondida a ser compreendida, a ser decifrada.

Com efeito, o poeta é um tradutor – e não um criador ou alguém que funciona somente quando está inspirado, alguém pode dizer. Sim, o poeta é um decifrador porque tudo que existe no homem é passivo de decifração.

Não é esse o papel de todo artista?

(...)

Depois disso, trago a figura de Cruz e Souza.

Cruz e Souza escreveu seus poemas considerando, em boa medida, a Poesia como essa jornada inconsciente.

Ele escreveu<sup>32</sup>:

---

32 Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/12381/o-assinado>. Acesso em: 22 maio 2023.

*Tu és o Poeta,  
o grande assinalado  
que povoas o mundo despovoado,  
de beleza eternas, pouco a pouco.*

(...)

Cruz e Souza nasceu em Florianópolis. Era filho de escravo. Sua família foi alforriada, mas ele continuou sustentando sua condição de escravo.

Estudou. Foi promotor público, mas nunca assumiu cargo.

(...)

Preconceito?

(...)

Cruz e Souza publicou um único livro de Poesia: “Broquéis”.

Sua Poesia ganhou uma posição universalizante.

(...)

Pois bem.

Antes de terminar, ofereço a você ainda uma passagem que

considero especial – e quero que dela você sempre se lembre, todas as vezes que estiver diante de um poema.

É de Otávio Paz. Ele diz mais ou menos assim:

*Cada poema, seja qual for o seu tema, as formas e as ideias, é antes de tudo e, sobretudo, um pequeno cosmo animado.*

(...)

Espero que todas essas linhas tenham sido um belo aperitivo para muitas outras jornadas.

Amanhã será mais um dia para um grande recomeço.

Vou descansar um tanto agora.

Talvez eu tire algumas férias.

Até breve.

Um grande abraço!

Eron

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acho que foi Paul Valéry (2007) que disse que a história da literatura não deveria ser a história dos autores ou dos acidentes de suas carreiras – ou da carreira de suas obras. Segundo ele, a história da literatura era, na verdade, a história de um “ser”, produtor de toda a literatura. Li isso em um texto de Borges.

Pelo que entendi, então, toda a história da literatura – e aqui se encontra a Poesia – poderia ser escrita sem ser mencionado um só escritor. No nosso caso, todos os poemas e reflexões deste caderno teriam sido escritos por um só Poeta.

Para mim, isso faz todo o sentido.

Se percebemos com atenção, de fato, há uma unidade central em todos os textos compartilhados, neste volume, que fortalecem a ideia de Valéry (2007). Se essa premissa for verdadeira, tudo, então, seria a construção de um único poema – que ainda, inclusive, está sendo escrito –, com versos do passado, do presente e do futuro, isto é, aquele verso que ainda há de vir.

Se assim for, um sinal dessa unicidade é que não é difícil encontrar pensamentos e ideias afins entre os autores.

De fato, encontramos semelhanças entre diversas reflexões, nos diversos ensaios, e que parecem concorrer à busca da construção de um único pensamento.

Talvez, o que todos os autores, neste volume, queiram encontrar é um ponto que seja comum a todos e a todas, um certo lugar, um ponto de inflexão que sugira um lugar não comum, ou uma possível verdade que paira, como uma aura, acima da cabeça de todo homem.

Sim, há sinais em cada um dos textos deste volume que dão conta de um núcleo – ou eixo central – que parece carregar informações que configuram, potencialmente, todas as características de um poema. Sobre tais características, eu guardo, em minha mente, algumas de maneira bem clara. Dentre essas, a primeira que eu posso citar é o conhecimento de mundo.

De fato, aprendi que o poeta é um ser que conhece o mundo em sua volta – e por experiência, especialmente, por isso ele sabe tão bem explorá-lo.

Aprendi, também, com eles que todos os assuntos, todos os tópicos que existem – e até alguns que nunca havia ouvido falar ou compreendido –, são passíveis de serem objetos de Poesia.

Eu vi que a força da sugestividade é uma característica indispensável aos poemas. Tudo o que poetas escrevem são sugestões – que alguns podem até entender como “verdades”.

Entendi que um poema para ser um poema precisa quebrar o hábito da dureza, impressa e opressora, do cotidiano, e que um poema precisa não ter como objetivo instruir – porque poemas estão acima das moralidades. Isso eu também aprendi.

Entendi que os poemas são mais próximos de nossa natureza – em seu estado mais pleno – do que nós podemos imaginar.

Eu pude experimentar, depois da leitura desses textos, o poder da reflexão e a sensação de relaxamento que existem em cada poema.

Eu pude, também, ter a certeza de que há coisas que existem – como se tivessem sempre existido –, mas são descobertas somente graças à combinação de palavras e frases feita pelos poetas.

Eu pude entender que a Poesia, de fato, parece iluminar o mundo e as coisas que nele existem – além de iluminar a alma de quem lê.

E, posso dizer, há muito mais na Poesia – jamais alguém pode dar conta de todo o seu potencial.

O que, na verdade, eu quis com essas linhas foi homenagear a Poesia e os poetas, especialmente pelo modo como dão vida ao que é, muitas vezes, tão simples e que parece até mesmo nem existir.

E não somente os poetas que figuram nestas folhas...

Sim, eu também tive a intenção de oferecer a você as minhas experiências diárias com a Poesia. Este é, de fato, um livro afirmativo que reconhece que é a Poesia, por exemplo, que tem, muitas vezes, aberto meu para-quadras, todas as manhãs.

Nesse momento, acabei de lembrar que há um entendimento sobre Poesia que sugere que é a palavra a criadora de todas as coisas. E assim, no princípio, era a

palavra, isto é, no princípio, era o verbo.

E não seria o verbo também uma palavra que estava com Deus e que era o próprio Deus?

Vão pensando aí.

Um abraço e até a próxima.

**Albérís Eron Flávio de Oliveira**

## REFERÊNCIAS

ABRAMS, M. H. **The Norton Anthology of English Literature** – major authors edition. New York: W.W.W. Norton & Company Inc., 1975, p. 1900-1901.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias** – poemas esquecidos. Rio de Janeiro: São José, 1965.

ARRIGUCCI JR., Davi. Nota sobre Cecília. *In*: ARRIGUCCI JR., Davi. **O guardador de segredos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 67-71.

ARRUDA, E. **Mudança de Lua**. São Paulo: Scortecci Editora, 1986.

AUERBACH, E. **Ensaio de literatura ocidental**. Trad. Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2007.

BARROS, Manoel de. **O guardador de águas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

BAUDELAIRE, C. **Poesia e Prosa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BORGES, J. L. **Ficções**. São Paulo: Globo, 2001.

BOSI, A. Em torno de um poema de João Cabral. *In: Entre Literatura e a História*. São Paulo: Editora 34, 2015.

CANDIDO, A. **Inquietudes na poesia de Drummond**. Vários Escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CASEY, H M. **What Emily Dickinson Knew**. London: Oxford Press, 1997.

CASSIRER, E. **The Philosophy of symbolic forms**, v. 1: Language. 3<sup>rd</sup> ed. New Haven & London: Yale University Press, 1980.

CORALINA, C. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. São Paulo: Global, 2001.

CORALINA, C. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 2003.

EAGLETON, T. **How to read a poem**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2008.

EBERHART, R. 'Why I write in Verse', *In: KAKONIS, Tom*

E. **Statement and Craft**: means and ends in writing. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-hall, Inc., 1971.

FREUD, S. The Relation of the Poet to Day-Dreaming. *In*: ATWAN, R. **One Hundred Major Modern Writers**: essays for compositions. Indianapolis: Bobbs, Merrill Educational Publishing, 1984.

FROMM, E. The Nature of Symbolic Language. *In*: FROMM, E. **One Hundred Major Modern Writers**: essays for compositions. Indianapolis: Bobbs, Merrill Educational Publishing, 1984.

FROST, R. Education by Poetry. *In*: FROST, R. **One Hundred Major Modern Writers**: essays for compositions. Indianapolis: Bobbs, Merrill Educational Publishing, 1984.

GULLAR, F. **Poesia completa, teatro e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

HAMBURGER, M. **A verdade da poesia**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

KAKONIS, T. **Statement and Craft**: means and ends in writing. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice Hall, 1971.

LEMINSKI, P. **Cruz e Souza, o negro branco**. São Paulo: Brasiliense, Col. Encanto Radical, 1983.

LOGAN, W. **Guilty Knowledge, Guilty Pleasure**: The Dirty Art of Poetry and the poetry collection Madame X. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/06/15/sunday-review/poetry-who-needs-it.html>. Acesso em: 15 maio 2023.

LONG, M. **Poetry and its forms**. New York: Putnam's, 1938.

MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MEIRELES, C. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MORAES, V. **Livro de Sonetos**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1967.

NUNES, B. **A clave do poético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PARAENSE, S. **Cecília Meireles**: mito e poesia. Santa Maria, RS: UFSM, 1999.

PERRONE-MOISÉS, L. **Altas literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PESSOA, F. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2005.

PLATÃO. Fedro ou da Beleza. **Tradução e notas de Pinharanda Gomes**. 6. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

POUND, E. Personae. **New York**: New Directions, 1990.

QUINTANA, M. **Mario Quintana**: poesia completa. Organização de Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

RIMBAUD, A. **Poesia Completa**. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

SANTOS, Ciro Soares dos. **A poesia de Francisco Ivan**: marinheiro do tempo e navegante da memória [livro eletrônico]. Natal: IFRN, 2021. 140 p. Disponível em: <file:///C:/Users/3504749/Downloads/A%20POESIA%20DE%20FRANCISCO%20IVAN.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023

SIMPSON, L. **An Introduction to Poetry**. New York: St. Martin's Press, 1967.

SISCAR, M. **Poesia e crise**: ensaios sobre a “crise da poesia” como topos da modernidade. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

STEIN, G. **The language that rises**: 1923 – 1934. New York: Northwestern University Press, 2003.

THE PORTABLE EDGAR ALAN POE. **Edited with an introduction by J. Gerald Kennedy.** New York: Penguin Books, 2006.

VALÉRY, P. **Variedades.** Trad. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Iluminuras, 2007.



Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.

**Tipografias utilizadas:**

Red Hat Display

Nunito Sans

-

Todos os direitos são reservados à Editora IFRN, não podendo ser comercializado em período de contrato de cessão de direitos autorais. Em caso de reimpressão com recursos próprios do autor, está liberada a sua comercialização.

A Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a EDITORA IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.



**editoraifrn**

**ALBÉRIS  
ERON  
FLÁVIO DE  
OLIVEIRA**



Formado em Letras pela UFRN, mestre em Literatura Americana e doutor em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela mesma Universidade. Escreveu Romance do Desassossego (2021) e Nathaniel Hawthorne, o Puritanismo e a Hipótese de Eros em A Letra Escarlata (2017). É casado com Joanna Angélica e pai e Ian Flávio e Ana Isabela. É professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Email: eron-flavio@hotmail.com

“POEME-SE: breves ensaios sobre Poesia para todos os dias” compartilha aspectos gerais da poesia que são necessários para uma apreciação inteligente desse gênero como arte. Este livro claramente é projetado para levar o leitor a não apenas conhecer alguns modelos bem conhecidos de pensar e sentir a poesia, mas também para enriquecer a sua própria experiência como ser humano a partir do que escritores e escritoras parecem querer comunicar.

De fato, ao levar o leitor a experimentar poemas, reflexões e detalhes da vida de mais de 60 poetas, o livro estimula o sentimento e a imaginação do leitor para uma compreensão da poesia de maneira potencialmente mais plena. Diferente de textos que seguem um plano a partir de um levantamento histórico a priori, neste volume o autor se permitiu deixar levar pelo fluxo de pensamento de poetas que fizeram e fazem parte de uma espécie de corolário sobre o assunto, sendo guiado, portanto, por todo um itinerário especialmente singular.

ISBN: 978-8-58333-293-0



788583

332930

